

**JESSICA FERREIRA COSTA**

**AGROECOLOGIA E GÊNERO: Uma equalização necessária para uma  
sociedade sustentável**

Ji-Paraná, RO  
2019/1

**JESSICA FERREIRA COSTA**

**AGROECOLOGIA E GÊNERO: Uma equalização necessária para uma  
sociedade sustentável**

Monografia apresentada à Banca Examinadora  
do Centro Universitário São Lucas de Ji-Paraná,  
como requisito de aprovação para obtenção do  
Título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof. Ms. Dalva Felipe de Oliveira.

C837a

Costa, Jessica Ferreira Costa

Agroecologia e gênero: uma equalização necessária para uma sociedade sustentável / Jessica Ferreira Costa. Ji-Paraná: Centro Universitário São Lucas, 2019.

84 p. il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Centro Universitário São Lucas, Curso de Serviço Social, Ji-Paraná, 2019.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Dalva Felipe de Oliveira

1. Agroecologia. 2. Gênero. 3. Sociedade sustentável.  
I. Oliveira, Dalva Felipe de. II. Agroecologia e gênero: uma equalização necessária para uma sociedade sustentável.  
III. Centro Universitário São Lucas.

CDU 631.95

**JESSICA FERREIRA COSTA**

**AGROECOLOGIA E GÊNERO: Uma equalização necessária para uma sociedade sustentável**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso Serviço Social do Centro Universitário São Lucas de Ji-Paraná, como requisito de aprovação para obtenção do Título de Bacharel em Serviço Social

Orientadora: Professora Ms. Dalva Felipe de Oliveira.

Ji-Paraná,

Avaliação/Nota:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Dalva Felipe de Oliveira  
Orientadora

São Lucas Educacional

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Rafaela Maia Gomes  
Examinadora

São Lucas Educacional

---

Professor Me. Aroldo Bueno de Oliveira  
Examinador

São Lucas Educacional

---

Assistente Social Maria Ires Sousa Pinto  
Examinadora

EMATER

## AGRADECIMENTOS

**Como um rio<sup>1</sup>**  
**Thiago de Mello**

*Ser capaz, como um rio  
Que leva sozinho  
A canoa que se cansa,  
De servir de caminho para a esperança*

Genuinamente agradeço a Jesus Cristo, que me ensinou a partir do Evangelho que todas as diferenças de sexo, cor, religião e etnia caem por terra. Aquele que me ensinou que ao segui-lo não há mais espaço para individualismo, discriminação, ódio e qualquer tipo de exclusão em suas mais diversas facetas, como: racismo, homofobia, machismo, xenofobia e tantas outras cegueiras humanas que têm feito milhares deixarem de lado o único caminho possível de construção de paz e de justiça: o amor; o querer e fazer bem ao outro como almejado para si mesmo (Mateus 29; 39). A Ele, que sempre me foi amor e comigo permanece a todo instante, dando-me forças para continuar.

*E de lavar no límpido  
a mágoa da mancha,  
como um rio que leva  
e lava.*

À minha amada mãe, Marly Ferreira de Souza, admirável mulher – forte e determinada, amiga e parceira de caminhada desde sempre. A fonte de toda a minha inspiração, proteção e ensinamentos.

Ao meu pai, Élio de Souza Costa, o homem mais humilde, sábio e alegre que já conheci, me ensinou a assobiar, perdoar, e a caminhar sempre pela via da confiança. Aprendi aos poucos, e, gradativamente até hoje.

Minha gratidão constante a vocês por todas as nossas histórias, cafés e conversas compartilhadas. Aprendo, pela via desse amor fraterno, maternal e paternal, a me desfazer das amarguras, transformando momentos difíceis em doçura para a vida.

---

<sup>1</sup> Poesia inspira a vida da gente, meus agradecimentos ao que tenho de mais importante será feito através do poema de Thiago de Mello, amazonense e tradutor da essência do belo.

*Crescer para entregar  
na distância calada  
um poder de canção,  
como o rio decifra  
o segredo do chão.*

É na vivência com minha família, que cresço em caráter, honestidade e sinceridade. Em seus testemunhos de superação das dificuldades encontradas na vida, aprendo a resistir, persistir e a me renovar sempre que preciso for. Agradeço, em especial, à minha avozinha Alaíde e avozinho Osmino, que diversas vezes me motivaram e que foram espaço de descanso através de seus imensos carinhos e cuidados para comigo.

Às minhas adoráveis irmãs: Gisele e Gislane, que amavelmente me ouvem e me fazem dar gargalhadas espontâneas de causos e piadas, ensinando-me constantemente em como crescer no amor. Com vocês magicamente a vida é leve, o riso é fácil e as brincadeiras nos tornam todas crianças outra vez. A parte da minha história mais bonita está de uma à outra!

*Se tempo é de descer,  
reter o dom da força  
sem deixar de seguir.  
E até mesmo sumir  
para, subterrâneo,  
aprender a voltar  
e cumprir, no seu curso  
o ofício de amar.*

Deixo aqui expresso minha gratidão aos que, academicamente falando, contribuíram na tecelagem do meu tímido saber, agradeço a cada colega que partilha comigo ideias, opiniões e diálogos sadios em sala de aula durante esses anos na academia, ensinando-me novos jeitos de olhar a vida, interpretar a realidade e analisar a teoria. Às partilhas e aprendizados que obtive com a minha amiga e mestra e orientadora, Dalva Felipe, sempre sonhando e idealizando comigo um mundo mais justo e igualitário. Obrigada por cada convivência, partilha e por sua amizade, tenho um rio Amazonas de amor por ti e por toda a sua espontaneidade sincera – desejo-te dias de frutuosa colheita intelectual e uma infinidade de felicidade em tuas novas trilhas. Rondônia é terra tua, volte sempre que puder para casa.

À Rafaela Maia e a Dulce Teresinha Heineck, que nunca pouparam esforços para ajudar a cada aluno e aluna do curso de Serviço Social - obrigada por toda doação e amizade.

À Maria Ires, que me acolheu no estágio. Ao Jurandir que me encantou ainda mais com a agroecologia - ali em prática. E a todos/as da Entidade Autárquica de Extensão Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia - Emater do distrito de Nova Colina, Ji-Paraná, que me receberam com sinceridade, sempre dispostos para responder aos meus questionamentos.

*Como um rio, aceitar  
essas súbitas ondas  
feitas de águas impuras  
que afloram a escondida  
verdade nas funduras.*

Obrigada, de modo carinhoso, as mulheres da Associação de Mulheres Agroecológicas do Setor Riachuelo - AMARI, que brilharam sob meus olhos ao ouvi-las sobre a terra, o plantio e as suas relações familiares. Agradeço pela confiança, partilhas e por acreditarem na agroecologia. Vocês são importantes para este estado e para a nossa cidade. Identificaram as impurezas do agronegócio e levantam-se em resistência e combate a ele a partir de seus plantios com a agroecologia. Ouvi e aprendi valiosas lições de vida, que somaram em muito para minha construção teórica, espiritual e sentimental. Desejo que a agroecologia reine em suas terras, e o amor floresça entre vocês tão forte e saudável como cada hortaliça semeada pelas suas mãos.

Finalmente, e não menos importante, minha gratidão ao Valdeir Souza - você me reapresentou a agroecologia e ela contagiou minha vida. Gratidão pelos ensinamentos, partilhas teóricas e todas as conversações. Nutro por ti uma admiração ímpar e um carinho colossal.

*Como um rio,  
que nasce de outros, saber seguir  
junto com outros sendo  
e noutros prologando  
e construir o encontro  
com as águas grandes  
do oceano sem fim.*

Deus a gente encontra no Amor. Querendo o bem e fazendo-o, minhas amizades diárias e sempre presentes foram uma constante tecelagem... costuramos

sonhos, misturamos nossas vidas, tecemos nossas personalidades e lapidamo-nos para amarmo-nos em gratidão e sinceridade. Essas amizades me nutrem sempre para o bem: ao Aron – meu querido amigo quanto amor sinto por ti. Agradeço por todo encorajamento e por sempre crer em mim.

À Vanessa Lopes e Daiane Sena, minhas parceiras – os laços que nos rodeiam de respeito, amor e amizade ao escolhermos mesclar nossas vidas sem medo de partilhá-las uma com a outra se tornaram meus mais valiosos tesouros.

À Daiane Cristina, Regina Maciel e Ilza Vidal vocês me ensinaram muito, principalmente em como ser uma mulher mais forte.

Agradeço a Francielli Ribeiro, que me inspira na fé, nossas conversas são valiosas e agradáveis, obrigada pela amizade e pelos diálogos honestos.

Ao meu precioso Eliomar, que me recheia com suas partilhas de compreensões do mundo em suas diversas relações e conexões, agradeço por todo o diálogo que tecemos e pelas nossas “vãs filosofias” (risos).

*Mudar em movimento,  
mas sem deixar de ser  
o mesmo ser que muda.  
Como um rio.*

Querer ser como um rio como anseia Thiago de Mello, e como Manuel de Barros “crescer para passarinho” são meus anseios de alma e espírito, levar ao mundo singeleza, simplicidade e amor. Muitas pessoas com chegadas e partidas no curso de minha vida, me lapidaram em uma essência melhor, e ao mesmo tempo, sendo a mesma. Assim, deixo aqui meu agradecimento a cada pessoa que nesses anos passaram por minha vida. Uns permanecem até hoje, outros, desejo reencontrar em harmonia consigo e com a vida, pois, ainda que brevemente me marcaram profundamente através de cada jeito de ser, deixando em mim todo o bem, serenidade, paciência e generosidade, colaborando para que eu pudesse rumar na vida com um novo jeito de caminhar: mais sábia e humilde, e “sem deixar de ser o mesmo ser que muda”. Obrigada.

## **Meu nome é mulher**

*Pérola Neggra*

*Eu era a Eva  
Criada para a felicidade de Adão  
Mais tarde fui  
Maria Dando à luz aquele  
Que traria a salvação  
Mas isso não bastaria  
Para eu encontrar perdão.  
Passei a ser Amélia  
A mulher de verdade  
Para a sociedade  
Não tinha a menor vaidade  
Mas sonhava com a igualdade.  
Muito tempo depois decidi:  
Não dá mais!  
Quero minha dignidade  
Tenho meus ideais!  
Hoje não sou só esposa ou filha  
Sou pai, mãe, arrimo de família  
Sou caminhoneira, taxista,  
Piloto de avião, policial feminina,  
Operária em construção...  
Ao mundo peço licença  
Para atuar onde quiser  
Meu sobrenome é Competência E meu nome é Mulher.*

## RESUMO

Este trabalho objetiva desconstruir a concepção de que a agricultura convencional propicia os homens e as mulheres autonomia na produção. Nessa perspectiva buscou-se desvendar os processos negativos que a hegemonia da produção agrícola convencional centralizada no homem, provoca na sociedade e em particular nas famílias de agricultores/as, haja vista que esta forma de produzir interfere diretamente na alternativa de produzir de modo agroecológico e no alcance de uma equidade de gênero. O espaço de investigação empírica escolhido, para esta análise foi a Associação das mulheres agroecológicas do Setor Riachuelo - AMARI no Distrito Nova Colina. Agroecologia e Gênero formam o eixo teórico deste trabalho. Nesse estudo foram entrevistadas nove mulheres que fazem parte dessa associação. Procurou-se mostrar os benefícios da Agroecologia para a agricultura familiar e para a economia local, sempre desejosa de construir justiça social e sustentabilidade ao defender os recursos ambientais e por igualdade entre gênero, raça e geração. O termo sugere uma interação simultânea de preservação ambiental e de promoção socioeconômica das famílias agricultoras. A interação entre essas instâncias reconhece o lugar da família e de seu trabalho na concepção e reprodução do sistema familiar agrícola.

**Palavras chave:** Agroecologia. Gênero. Sociedade Sustentável.

## **SUMMARY**

This paper aims to deconstruct the concept that conventional agriculture provides men and women with autonomy in production. In this perspective, we sought to uncover the negative processes that the hegemony of conventional agricultural production centered on man, provokes in society and in particular in the families of farmers, since this way of producing interferes directly in the alternative to produce in an agroecological way and in achieving gender equity. The empirical research space chosen for this analysis was the Agroecological Women Association of the Riachuelo Sector - AMARI in the Nova Colina District. Agroecology and Gender form the theoretical axis of this work. In this study, seven women were interviewed. The aim was to show the benefits of Agroecology for family farming and for the local economy, always wishful of building social justice and sustainability by defending environmental resources and by equality between gender, race and generation. The term suggests a simultaneous interaction of environmental preservation and socioeconomic promotion of the farming families. The interaction between these instances recognizes the place of the family and its work in the conception and reproduction of the agricultural family system.

Keywords: Agroecology. Gender. Sustainable Society.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

|        |                                                                    |
|--------|--------------------------------------------------------------------|
| AMARI  | Associação de Mulheres Agroecológicas do Setor Riachuelo           |
| ATER   | Assistência Técnica e Extensão Rural                               |
| APP    | Área de Preservação Ambiental                                      |
| BR 364 | Rodoviária Diagnostical do Brasil                                  |
| DAP    | Declaração de Aptidão ao Pronaf                                    |
| DRP    | Diagnóstico Rural Participativo                                    |
| EAD    | Ensino a Distância                                                 |
| EMATER | Entidade Autárquica de Assistência Técnica e Extensão Rural        |
| INCRA  | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária                |
| LGBT´S | Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros |
| MDA    | Ministério do Desenvolvimento Agrário                              |
| MST    | Movimento dos Trabalhadores Rural Sem-Terra                        |
| PAA    | Programa de Aquisição Alimentar                                    |
| PNAE   | Programa Nacional de Alimentação Escolar                           |
| PRONAF | Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar        |
| UNOPAR | Universidade Norte do Paraná                                       |

## LISTA DE FIGURAS

|              |                                                           |    |
|--------------|-----------------------------------------------------------|----|
| Figura 1     | Mediação da assistente social com um produtor rural.....  | 54 |
| Figura 2 e 3 | Reunião com as mulheres certificadas da associação.....   | 57 |
| Figura 4     | Apresentação da implantação do sistema de Biogás.....     | 60 |
| Figura 5     | Linha 90 parte do trajeto percorrido para as visitas..... | 63 |
| Figura 6     | Mapa das linhas atendidas pela EMATER de Nova Colina..... | 63 |

## SUMÁRIO

|                                                                                               |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                      | <b>14</b> |
| <b>CAPÍTULO 2.....</b>                                                                        | <b>20</b> |
| <b>2.1 METODOLOGIA QUALITATIVA.....</b>                                                       | <b>20</b> |
| <b>2.2 MÉTODO DE PROCEDIMENTO: ESTUDO DE CASO.....</b>                                        | <b>23</b> |
| <b>2.3 TÉCNICAS PARA COLETAS DE DADOS.....</b>                                                | <b>24</b> |
| <b>2.4 Observação Simples.....</b>                                                            | <b>24</b> |
| <b>2.5 Diário de Campo.....</b>                                                               | <b>25</b> |
| <b>2.6 Pesquisa Bibliográfica.....</b>                                                        | <b>26</b> |
| <b>2.7 MÉTODO DE ANÁLISE: Materialismo Histórico Dialético.....</b>                           | <b>27</b> |
| <b>CAPÍTULO 3.....</b>                                                                        | <b>30</b> |
| <b>3. TECENDO A TEORIA: Interligando Gênero e Agroecologia.....</b>                           | <b>30</b> |
| <b>3.1 Seguindo os Rastros do Patriarcado: Breve Contexto Histórico.....</b>                  | <b>30</b> |
| <b>3.2 Análise Teórica e Crítica do Conceito Gênero: Alfes e Frágeis:.....</b>                | <b>33</b> |
| <b>3.3 Gênero no Campo: As Contradições que Desafiam a Mulher Camponesa<br/>.....</b>         | <b>39</b> |
| <b>3.4 Agroecologia: O Saber Científico que Une o Humano, a Natureza e a Vida<br/>.....</b>   | <b>45</b> |
| <b>CAPÍTULO 4.....</b>                                                                        | <b>51</b> |
| <b>4 Da Teoria Para a Vivência: As Intervenções como Realizações Concretas.....<br/>.....</b> | <b>51</b> |

|                                                                                                |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>4.1 Preliminar.....</b>                                                                     | <b>51</b> |
| <b>4.2 Assistência Técnica e Extensão Rural e o/a Profissional em Serviço Social<br/>.....</b> | <b>54</b> |
| <b>4.3 Ações que (Re) Constroem a Realidade: Relatando as Intervenções<br/>.....</b>           | <b>59</b> |
| <b>4.4 Construção do Questionário.....</b>                                                     | <b>63</b> |
| <b>4.5 Aplicação e Resultado do Questionário .....</b>                                         | <b>66</b> |
| <b>4.6 Visita Domiciliar: Aproximação com as Produtoras Rurais .....</b>                       | <b>72</b> |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>                                                                          | <b>78</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                        | <b>80</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

### ORDEM E PROGRESSO<sup>2</sup>

Esse é o nosso país  
Essa é a nossa bandeira  
É por amor a essa pátria Brasil  
Que a gente segue em fileira

Eu sou a favor é de gente feliz. Gente para ser feliz precisa do pão de cada dia, da segurança de que os filhos dormem em paz, tem direito de: no campo ter seu pedaço de chão para plantar, e na cidade ter trabalho seguro para que a dignidade possa pulsar viva.

Aprendi desde pequena, nas marchas com cantos populares do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST - a urgência em clamar por nossos direitos, de lutar pela Reforma Agrária, pela partilha da terra. Os meus pés em sintonia com centenas de outros sob o solo rondoniense, rumavam-nos firmes na busca por nossos direitos de acesso a terra, sempre seguidos por olhares de pessoas compreensivas com a nossa luta, e de outros/as que ainda não haviam passado por um processo de reflexão dos motivos que nos impulsionavam e, pressionavam. Mas assim, seguíamos cantando, dançando, debaixo de chuva ou de sol, construindo o nosso companheirismo e lutando por um país mais justo e igual.

Queremos mais felicidades  
No céu deste olhar cor de anil  
No verde esperança sem fogo  
Bandeira que o povo assumiu.

Os plurais sempre me impressionavam - como ocorre até os dias atuais. Nascida socialmente do ventre do MST, aprendia em toda a caminhada aliada com meus pais, minhas irmãs e tantas outras companhias, que caminhar junto é melhor que sozinha, e que é na coletividade que asseguramos os nossos direitos e reforçamos a nossa identidade. Encontrei no Serviço Social motivo para continuar a cantar na profissão a sintonia de buscar constantemente os direitos sociais, aliada

---

<sup>2</sup> Música composta por Zé Pinto, militante, cantador e compositor das principais canções do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Através dessa música buscarei refletir e trazer à luz parte da vida, aquela que me impulsionou pela escolha profissional em Serviço Social e pelo tema do presente trabalho gênero e agroecologia.

aos movimentos sociais, e toda organização popular e coletiva. Essa canção de direito e coletividade soará vivamente em meu coração no meu agir profissional.

No MST, o canto é mística, mas é uma mística que fortalece e que transmite, ora alegremente ora com o coração apertado, as faltas que há para os homens e mulheres do campo e da cidade. O versinho de Alcântara Machado reluz os cantares para o MST, afinal, como ele disse: “toda gente sabe: verso e música são as expressões de arte mais próximas do analfabeto. Conjugados assumem um poder de comunicação que fura a sensibilidade mais dura”. A poesia e o canto embalam aos militantes a certeza dos direitos a serem conquistados em processos de luta. É dos cantos que saíam as nossas vozes, que percorriam uma trajetória colossal: primeiro ativava em nossas memórias as peripécias do Estado para legitimar o projeto burguês, a nossa miséria e pobreza enquanto poucas famílias se regozijam em suas mesas fartas. Face a essas disparidades, o filme cujo enredo gravitava em torno das nossas famílias e dos nossos companheiros/as eram marcados por uma trilha sonora que saíam de todos os poros do corpo, pois enquanto a alma cantava o coração pulsava e o grito rasgava os ventos com as letras que transmitiam o recado da justa luta que nos reunia. É nesse poder do canto que nutre e embala a militância que busca a conquista do direito a terra, enfatizando nos versos a felicidade, as desigualdades, e a relevância da luta coletiva para uma sociabilidade edificada pelo amor e fraternidade.

Amarelos são os campos floridos  
As faces agora rosadas  
Se o branco da paz se irradia  
Vitória das mãos calejadas

A vitória caminha ao lado daqueles e daquelas que desejam a terra produtiva e que cumpra com a sua função social. Vitoriosos/as que possuem as mãos calejadas de tanto construir/desconstruir os barracos de lona preta e tocar a produção. A paz que se clama, não é de passividade e que torna sujeitos e sujeitas inertes e sem protagonismo social construído, mas a que impulsiona para a busca por dignidade, trabalho, afetividade e direitos efetivados. Por uma sociedade camponesa em que a mulher tenha sua visibilidade enquanto produtora rural para com todo o seu amor pela terra e pela sua família, possa junto com os homens construir plantações orgânicas buscando por alternativas que fuja e elimine por completo o

uso de insumos químicos, provando ao mundo que é possível um plantio saudável e economicamente rentável.

Experiência essa comprovada durante o estágio na Entidade Autárquica de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia – Emater, distrito de Nova Colina em Ji-Paraná/RO, a partir das vivências com as mulheres da Associação de Mulheres Agroecológicas do Setor Riachuelo- AMARI –. Elas ensinaram nos dias partilhados que a mulher autônoma na plantação contribui para o seu lar, para a cidade, para a agroecologia, aprendendo e ensinando juntas como caminhar alternativamente, com auxílio da sabedoria popular/tradicional para uma forma de plantar sadia. Por isso nasceu o tema: Gênero e Agroecologia; sempre sendo em um processo de reflexão em relação às políticas públicas acessíveis e as ausentes para a firmeza mais profunda da agroecologia nesta realidade em que participei ativamente.

Esse é o nosso país...  
Queremos que abrace essa terra  
Por ela quem sente paixão  
Quem põe com carinho a semente  
Pra alimentar a nação

Plantar para alimentar a nação prescinde da paixão pelo outro, pela terra e pela vida. Ousadamente o movimento popular MST, ensina que o Brasil é da classe mais esquecida e excluída em função da cor, da raça, da cultura, do gênero, e por tantas outras maneiras que revelam o preconceito e a discriminação. A visão tosca dos aparelhos midiáticos e da autocracia burguesa que na ânsia de legitimar o seu poder coopta adeptos entre a classe média e subalterna para defender o projeto burguês que destrói a nação e entrega em um banquete para as potências hegemônicas.

Foi, e é por essa memória viva que fui sendo conduzida pelo MST, assim os saberes foram sendo incorporados desde a infância e, agora, reflete no meu modo de ser enquanto pessoa e profissional. Esta “nova” fase carrega as marca do velho (MARX, 1845/1846), desta forma as críticas que se faziam na época de minha infância acerca da produção convencional despertaram a curiosidade sobre as alternativas de produção tão almejada pelos assentados/as e acampados/as. É neste proscênio que, gradativamente, a agroecologia surge em minha vida, amadurecendo em meu ser, enquanto movimento social e posicionamento político,

ao mesmo tempo em que eu mesma rumava para a vida adulta. Assim ela foi sendo ancorada em minha existência, firme e ensolarada num amor eterno e essencial.

Na busca de maior aprofundamento desta temática, e na ânsia de acompanhar na prática os desafios e as delícias de uma produção alternativa, procurei buscar um campo de estágio que pudesse verificar e até fortalecer via os diálogos a criticidade e posição de plantio orgânico ao grupo que seria por mim acompanhando num devir de aprender e ensinar, fortalecendo mutuamente os/as produtores/as e meu amor pela agroecologia em um constante processo de conversações e reflexões.

A ordem é ninguém passar fome  
Progresso é o povo feliz  
A Reforma Agrária é -volta  
Do agricultor à raiz.

Livrar o povo da fome é libertar do domínio dos insumos químicos, dos herbicidas, dos pesticidas, do monocultivo e da concentração de terras. A Reforma Agrária continua, portanto, sendo uma das bandeiras erguidas de modo mais alto pelos/as militantes do MST e de outros movimentos populares que possui como centralidade de luta a distribuição igualitária da terra.

A Reforma Agrária é a volta  
Do agricultor à raiz  
Esse é o nosso país...

A Reforma Agrária é muito além a “ceder terra”, mas é também a construção de formas de permanência nesta, com direitos sociais garantidos aos camponeses e camponesas e a seus filhos e filhas, com educação básica e avançada, políticas públicas para o campo, saúde garantida e formas de produção para tornar a terra produtiva, é preciso que cada vez mais associações e iniciativas criativas dos assentados sejam apoiadas pelo governo, favorecendo a economia local e nacional.

MENDONÇA e STEDILLE (2006, p 78) contribuem para a compreensão da Reforma Agrária, afirmando que,

[a] questão agrária [é] o conjunto de inter-relações derivado de uma estrutura fundiária altamente concentrada de poder econômico, político e simbólico, criando estruturas de sujeição da população rural e uma cultura incompatível com um tipo de exploração racional da terra definido pela fala/prática oficial ‘mais adequada’ para o desenvolvimento nacional.

A importância da Reforma Agrária se evidencia para todos e todas que lutam por igualdade social, por um Brasil, que de fato, possa ser de todos e todas,

daqueles/as que trabalham semeando a terra nos campos e os/as que se encontram no meio urbano, um país o qual valorize as mulheres nos lares e no trabalho sem discriminação. Há uma gama de realidades antagônicas, injustas e até de violência, é preciso construir para estas, políticas públicas que impulsionem a emanciparem-se socialmente, economicamente e afetivamente, oferecendo-lhes liberdade. Essa emancipação possibilitará a milhares de pais e mães a garantia de uma vida segura para suas crianças.

A justificativa das propostas do presente trabalho decorre da percepção da necessidade de efetivação de políticas públicas para os homens e mulheres do campo tornando-se possibilitadoras de práticas de cultivo que vão na contramão ao agronegócio, estas são de vital importância para o fortalecimento e incentivo do manejo sadio na agricultura pela via das práticas agroecológicas. Portanto, é de fundamental relevância o estudo de gênero dentro do campo, pois se observa que as relações entre homens e mulheres contêm desigualdades e submissões da mulher referente à sua identidade enquanto produtora rural.

Este trabalho buscou responder a seguinte problemática: A hegemonia da produção agrícola convencional centralizada no homem interfere na alternativa de produzir de forma agroecológica e na equidade de gênero? A partir dessa problemática houve a condução para o seguinte objetivo geral: Analisar de que forma a ausência de recursos econômicos e técnicos inviabilizam a produção agroecológica e a autonomia das mulheres que integram a Associação das mulheres agroecológicas do Setor Riachuelo - AMARI. Para que pudesse chegar ao destino final, os caminhos trilhados foram respectivamente de investigar as ocorrências:

- a) Perceber como ocorrem as relações de gênero no campo e se há um empoderamento da mulher na agricultura no ampliado ao âmbito agroecológico;
- b) Compreender as formas de resistência dos/as agricultores/as através da agroecologia frente à ameaça do agronegócio;
- c) Identificar as estratégias utilizadas pelo/a profissional em Serviço Social para viabilizar a reprodução social das famílias camponesas.
- d) Verificar junto às mulheres da AMARI as dificuldades enfrentadas para viabilizar a produção e a comercialização dos produtos.

Para este trabalho foi selecionado 9 (nove) mulheres da AMARI que participam socialmente e politicamente das discussões acerca da produção agroecológicas em seus territórios.

Este estudo torna-se relevante na medida em que se objetiva desconstruir a concepção de que a agricultura convencional propicia os homens e as mulheres a autonomia na produção.

## CAPÍTULO 2

### FAZENDO CAMINHOS NO CAMINHAR

#### 2.1 METODOLOGIA QUALITATIVA

O ser caminhante tem para si um propósito a alcançar, um ponto de chegada. Para que possa conquistar o seu intento precisa, no entanto, dispor-se a caminhar e terá diante de si alguma estrada escolhida para trilhar. Poderão encontrar nesta, inúmeros percalços, como subidas íngremes, curvas, pontes e outros desafios. Todavia, porém, a sua determinação em dar mais um passo diante do caminho posto, o levará para o alcance de seu almejado objetivo final, ou seja, sua chegada. Os caminhos que percorre são o seu norte, que tornará vencida a distância que há entre si e seu vislumbrado propósito, aquele que o motivou a caminhar.

Assim como é o caminho do ser caminhante, é, também, com desafios e prazeres, o mesmo que um/a cientista social encontra em sua busca por compreender alguma realidade social, e de fazer ciência e os caminhos que trilha possui um nome, chama-se metodologia. Conforme DEMO (1985, p. 19), o qual com toda propriedade afirma: “[...] a finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia.” A ciência quer construir saberes, compreender a realidade social colocada em determinado contexto, com ela pode-se contribuir para diversos benefícios para a sociedade, pois, se propõe a lançar soluções que facilitarão o cotidiano. Seu objetivo é fazer perguntas que motivará e instigará o cientista social e assim lançar-se-á luzes para avanços científicos. A metodologia, portanto, é indispensável, embora não seja um fim em si, esta é uma bússola para o cientista o qual encontra nela um conjunto de técnicas que pode cooperar, sendo como um expediente de questionamentos criativos para a construção do saber, e é imprescindível que um cientista social domine essa arte para que suas pesquisas sejam coerentes e concisas.

Pelo estudo de métodos, ou seja, da metodologia, o/a pesquisador/a poderá encontrar e se utilizar instrumentais que irão conduzi-lo/a durante sua investigação social, em seu trabalho científico. Antes de iniciar a pesquisa, é preciso saber como esta será desenvolvida, tal qual como escolher a que passos se quer caminhar.

Severino (2007, p. 215), nos ajuda a compreender de forma mais profícua sobre a metodologia e sua diversidade, esclarecendo que,

[...] não, obviamente, num nível puramente sentimental, mas no nível da avaliação da relevância e da significação dos problemas abordados para o próprio pesquisador, em vista de sua relação com o universo em que se envolve. A escolha de um tema de pesquisa, bem como a sua realização, necessariamente é um ato político. Também, neste âmbito, não existe neutralidade. Ressalte-se que o caráter pessoal do trabalho do pesquisador tem uma dimensão social, o que confere o seu sentido político [...].

Há vários modos de lançar o olhar sobre uma realidade, mas o/a cientista social ao se propor fazê-lo, deve primar por enxergá-la sem pré-conceitos determinados pelo senso comum (sem criticidade), mas com questionamentos que o farão compreender os fenômenos estudados e até de lançar luzes (propostas) que irão contribuir para alguma mudança significativa da realidade. Mesmo que seja o simples abrir caminhos para novos questionamentos da cultura, das relações sociais e suas estruturas, compreensão e criação de conceitos que expliquem alguma factualidade da atualidade e etc., gerando avanços de conhecimento e saberes do respectivo objeto investigado e da sociedade em si, nos seus mais diversos contextos de inserção.

Nesse andar vagaroso pelos caminhos do conhecimento científico e seus objetivos já enunciados acima, o/a pesquisador/a pode utilizar como forma de abordar e compreender a realidade, a pesquisa qualitativa e suas ofertas. A pesquisa qualitativa se propõe a compreender valores, culturas, ideias e os fenômenos que envolvam o objeto pesquisado em maior profundidade possível, procurando abranger o aspecto interventivo na realidade pesquisada, sem jamais excluir os atores sociais que nela se encontram, pois os reconhecem como sujeitos que produzem em suas vivências os fenômenos perceptíveis, uma vez que estão entrelaçados na realidade. A pesquisa qualitativa quer dar conta dos fenômenos sociais, almejando a sua compreensão e implicações na sociedade e nos sujeitos.

A respeito das pesquisas qualitativas, Martins e Theóphilo (2007, p. 135) frisam que a mesma “[...] pede descrições, compreensões e análises de informações, fatos, ocorrências que naturalmente não são expressas por números”. Sim, pois por desta forma de pesquisa é possível lançar o/a pesquisador/a em sua busca em total imersão e dentro do ambiente natural como fonte de coleta de informações, dados, objetividades do que se investiga.

Minayo (2001, p. 14) compreende que a pesquisa qualitativa dialoga com “[...] as relações, os símbolos e os significados da realidade social”. Para que o/a pesquisador/a possa chegar as suas motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Por sua vez Pires (2008, p. 90), enfatiza que “a pesquisa qualitativa se caracteriza, em geral: por sua flexibilidade de adaptação durante seu desenvolvimento, inclusive no que se refere à construção progressiva do próprio objeto da investigação” e de “se ocupar de objetos complexos, como as instituições sociais, os grupos estáveis”, o mesmo, também elucida que com esta forma de metodologia, é possível “descrever em profundidade vários aspectos importantes da vida social concernentemente à cultura e à experiência vivida, e permite ao pesquisador ter um ponto de vista interior”. Assim, através dela o pesquisador objetiva compreender o porquê das coisas e lança propostas convenientes a serem efetivadas a partir do que se colhe como resultado de sua pesquisa.

Silveira e Córdova (2009, p. 32) chamam a atenção para os limites e riscos desse tipo de abordagem.

Entretanto, o pesquisador deve estar atento para alguns limites e riscos da pesquisa qualitativa, tais como: excessiva confiança no investigador como instrumento de coleta de dados; risco de que a reflexão exaustiva acerca das notas de campo possa representar uma tentativa de dar conta da totalidade do objeto estudado, além de controlar a influência do observador sobre o objeto de estudo; falta de detalhes sobre os processos através dos quais as conclusões foram alcançadas; falta de observância de aspectos diferentes sob enfoques diferentes; certeza do próprio pesquisador com relação a seus dados; sensação de dominar profundamente seu objeto de estudo; envolvimento do pesquisador na situação pesquisada, ou com os sujeitos pesquisados.

Sob tais precauções poder-se-á encontrar inúmeros benefícios ao utilizar numa pesquisa científica a abordagem de característica qualitativa, quando o pesquisador deseja compreender dada realidade sem excluir os fatores, causas, situações, populações que ali vivenciam as problemáticas e desafios da realidade.

## 2.2 MÉTODO DE PROCEDIMENTO: ESTUDO DE CASO

Nas experimentações da vida, fatos e fenômenos ocorrem o tempo todo, de modo que provoca inúmeras alterações no cotidiano, na realidade e na vivência de determinados grupos sociais. Muitos desses fenômenos necessitam de uma explicação, que emanam de uma profunda investigação de um/a cientista social, o qual se lança para descortinar episódios para que a aurora de respostas possa surgir de modo luminoso.

O Estudo de Caso torna-se um aliado para o/a cientista, afinal como se há de compreender uma complexidade de situações e episódios sem um olhar profundamente detalhado? Cada ninharia precisa ser olhada de perto pelo/a cientista, com o (Estudo de Caso), irá compreender o viés múltiplo e emaranhado cujo enigma terá que decifrá-los para não correr o risco de não atingir os seus objetivos.

Para Yin (2001, p. 20) o Estudo de Caso é uma “[...] investigação das características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real”, ou seja, para o pesquisador de determinado objeto que ainda não possui respostas concretas e concisas ele, ao utilizá-lo o pesquisador, adquire um aliado para investigar os fenômenos sociais que o cercam, e ainda manter o seu olhar para a contemporaneidade e seus acontecimentos. É imprescindível ter consciente no que tange este método de procedimento, evitando que o pesquisador venha a se perder em seu processo de investigação. O/a pesquisador/a, também encontra no Estudo de Caso, uma maior coerência que trará respostas lúcidas para questionamentos essenciais que na agitação da pesquisa podem ser deixadas de lado, como enfatiza Yin (2001, p.26) esclarecendo que: “Faz-se uma questão do tipo ‘como’ ou ‘por que’ sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos sobre o qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle”.

Logo este método é um possibilitador para que a pesquisa mais segura após a perícia investigativa minuciosa contribuindo para que sejam encontradas respostas para um devido retorno de âmbito esclarecedor e de soluções para os possíveis conflitos de complexidades que o pesquisador desafiou-se para buscar compreendê-los.

## 2.3 TÉCNICAS PARA COLETA DE DADOS

A pesquisa é o diálogo da ciência que leva à construção de conhecimento, com o qual é possível descobrir e redescobrir uma realidade social. Não se ergue uma casa do nada, é preciso uma base para depois tijolo por tijolo ir dando forma e toda a resistência necessária para que a casa seja construída. Assim, utilizar de boas técnicas de pesquisa, por serem modos de proceder adotado pelo pesquisador para que possa realizar a coleta de dados de modo eficiente, sendo indispensável para um bom resultado da pesquisa, alcançando os objetivos a que se propôs.

Dentre as várias possibilidades de coleta de dados para a pesquisa, as mais recorrentes são o questionário e a observação. No que se pode dizer a respeito do primeiro, é que este é um instrumento composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado, que deve ser respondido sem a presença do entrevistador (MARCONI; LAKATOS, 1999). Para o sucesso dessa etapa da pesquisa é fundamental que os dados coletados em sigilo atendam às necessidades do processo de análise.

O questionário apresenta as seguintes características: Deve ser a espinha dorsal de qualquer levantamento, deve reunir todas as informações necessárias, deve possuir linguagem adequada. Os questionários geralmente são utilizados para a obtenção de grandes quantidades de dados, geralmente para análises qualitativas. Nesse caso, o informante escreve ou responde por escrito a um elenco de questões que devem ser cuidadosamente elaboradas (RUIZ, 1996, p. 51).

Neste sentido, o questionário consiste num conjunto de perguntas com respostas frequentemente limitadas a um número exaustivo de possibilidades predeterminadas; cada resposta refere-se a uma categoria de reação e, uma categoria de reação foi incluída para todas as respostas possíveis. É preciso todo o planejamento antes de elaborar as perguntas para aplicá-las, pois o/a pesquisador/a precisa ter objetividade nas questões que irão contribuir para compreender o objeto estudado.

## 2.4 OBSERVAÇÃO SIMPLES

A observação é também uma das técnicas de coleta de dados, sendo uma das mais essenciais para o/a pesquisador/a. Essa é uma técnica exigente, pois requer muito cuidado, afinal, quando se deseja observar uma realidade, precisa ter-se cautela para não haver o mínimo de interferência possível na realidade, o/a pesquisador/a não pode deixar que seus conceitos prévios, pontos de vista e

preconceitos interfiram na situação observada. A presença do pesquisador ali é real e por isso, já modifica o espaço, mas ainda assim o modo como irá observar e interpretar sua observação fará diferença no resultado final de sua pesquisa.

A observação simples leva o pesquisador a manter-se afastado do campo no sentido de agir, pois esta impele como missão primordial e absoluta do pesquisador o de olhar a realidade sem nela interferir, apenas observando toda a dinâmica do objeto alvo de suas pesquisas. Gil (2008, p. 101) afirma,

Por observação simples entende-se aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador que um ator. Daí por que pode ser chamado de observação-reportagem, já que apresenta certa similaridade com as técnicas empregadas pelos jornalistas.

Numa pesquisa qualitativa ela é ainda mais eficaz, uma vez que tem como essência uma ação exploratória, sua característica também vai além de constatação de fatos do dia a dia do objeto pesquisado, pois por ela é possível verificar soluções para a problemática, sendo com ela, possível a identificação de hipóteses.

A observação simples aconselha a utilização de tomar notas, escrever em diário de campo o que foi observado, permite a utilização de aparelhos tecnológicos, aproximação com o objeto, e a cautela de não permitir que seus pré-conceitos interfiram na análise do que foi coletado a partir de sua utilização.

## 2.5 DIÁRIO DE CAMPO

O diário de campo é um essencial instrumento para anotar o que se observa no momento da investigação. Neste documento há relatos do trabalho desenvolvido em campo, nele se registra, de modo ordenado os dados sobre o assunto estudado, vivenciado e experimentado em campo pelo/a pesquisador/a.

Para maior compreensão Lewgoy e Arruda (2004, p.123-124) destacam que,

[...] O diário de campo consiste em um instrumento capaz de possibilitar o exercício acadêmico na busca da identidade profissional à medida que através de aproximações sucessivas e críticas, pode-se realizar uma reflexão da ação profissional cotidiana, revendo seus limites e desafios. É um documento que apresenta um caráter descritivo – analítico investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas. O diário consiste em uma fonte inesgotável de construção e reconstrução do conhecimento profissional e do agir de registros quantitativos e qualitativos [...].

O/a pesquisador/a inserido no espaço sociocultural que investiga consegue descrever a realidade observada, no momento em que as ações, fatos, conversas, estão ocorrendo. Ali ele pode escrever suas impressões, receios, observações e prévias conclusões, registrando suas ações e emoções ao longo de todo o processo.

## 2.6 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Entende-se que a construção do saber surge questionando a realidade. Nesta existência, o ser humano busca compreender de onde veio e para onde vai, bem como o que fazer para melhorar o cotidiano. São as perguntas que movem, era após era a humanidade. Em muitos assuntos há uma rede de pessoas que o investigaram, outros ainda estão para serem descortinados. Só não se deve deixar de buscar o conhecimento, para que não haja estagnação na busca pela verdade a qual promoverá liberdade.

Uns buscam um mundo melhor, mais dinâmico, mais acessível, mais humano... Outros procuram por verdades, outros ainda, compreensão ou uma explicação dos inúmeros porquês que cercam o homem e a mulher na contemporaneidade.

Segundo Popper (1975, p. 139) “uma explicação é algo sempre incompleto: sempre podemos suscitar outro por quê. E esse novo por que talvez leve a uma nova teoria, que não só “explique”, mas corrija a anterior”. Essa explicação nos leva a compreender os ciclos da ciência, de fazer ciência, de buscar o conhecimento, o saber, o compreender, o explicar fenômenos, objetos, realidades, pessoas, a vida. Nesta busca, deve se ter cautela de não repetir o mesmo, mas avançar, para tal, ao se lançar na busca de fazer ciência, deve-se ater do que já está explicitado em outros trabalhos sobre o tema, problemática que se descortina como essencial ao olhar daquele que é concedido como cientista social. Ora, ao mesmo tempo em que busca verificar o que já foi dito anteriormente por outros, encontra-se maior conhecimento e abrangência de sua temática.

Atualmente há inúmeros meios de se pesquisar bibliograficamente, seja por meio de artigos, livros, físicos e por meio da internet, há sempre um mundo inteiro à disposição, por isso pesquisar exige criticidade, inovação e um olhar sempre além do horizonte.

Com o auxílio da pesquisa bibliográfica há a adesão de vários pontos de vistas de outros pesquisadores sobre o tema investigado, compreendendo que pesquisa são outros olhares e compreensões de uma dada realidade, sempre em transformações. Neste aspecto Marconi & Lakatos (2003, p. 186) expõem que:

Ela servirá, como primeiro passo, para se saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto. Como segundo passo, permitirá que se estabeleça um modelo teórico inicial de referência, da mesma forma que auxiliará na determinação das variáveis e elaboração do plano geral da pesquisa.

Aqui, enfatiza-se que a construção do conhecimento a partir da pesquisa é, no intuito de decifrar o contexto social, e, ao mesmo tempo, nortear novos rumos, novos caminhos, expor um problema societário e lançar pistas que o solucione, e claro, para avanços científicos.

## 2.7 MÉTODO DE ANÁLISE: Materialismo Histórico Dialético

As vivências nos estudos científicos conduziram, em todo o seu percurso, a experiência de que os objetos sociais alteram-se o tempo todo, e em cada alteração surgem mais complexidades. O mundo e suas relações já provaram há tempos que não há um “pacote de certezas existenciais” fechado em si mesmo em total petrificação. Certeza, definida e finda, intocável, é nada menos, do que um mito, uma lenda, uma irrealidade, pois as relações, os objetos sociais, ocorrem num constante devir, sendo sempre processos complexos, infinitos, colossais e surpreendentes. É disso que trata a dialética, desses devires, que partem e retornam sempre alterados, modificados, complexados, com exigências de mais perguntas, mais aprofundamento e busca por respostas.

Dentro das relações de trabalho, por exemplo, observam-se mudanças constantes em suas significações e modos operantes, pois constantemente ocorrem novas assimilações e, obviamente, nascem outras compreensões acerca da realidade social envolta desses relacionamentos, sejam estas, construção de um novo conceito, retornam novamente a serem refletidas na e pela sociedade. É nestes movimentos ininterruptos de devir que se estabelecem avanços nos campos científicos, onde deve-se pautar por novas formas de leituras da realidade.

De acordo com Karl Marx (1945), a natureza é dialética, isso se dá pela forma de interação entre homem e natureza.

A natureza se torna dialética produzindo os homens, tanto como sujeitos transformadores que agem conscientemente em confronto com a própria natureza, quanto como forças da natureza. O homem constitui-se no elo de ligação entre o instrumento do trabalho e o objeto do trabalho. A natureza é o Sujeito-Objeto do trabalho. Sua dialética consiste nisto: que os homens modificam sua própria natureza à medida que eles progressivamente eliminam a natureza exterior de seu e de sua exterioridade, à medida que mediatizam a natureza através de si próprios e à medida em que fazem a própria natureza trabalhar para seus próprios objetivos (SCHMIDT apud SMIDT, 1987, p. 52).

Logo o homem transformando a natureza, transforma a si mesmo e essas transformações ocorrem através do trabalho (MARX, 1945). No trabalho o homem modifica a “primeira natureza” a humaniza com o trabalho e a transforma já em uma “segunda natureza” sofrendo em si mesmo esses processos de alterações, conforme Karl Marx (2001, p. 11):

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza...Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza.

Assim, de acordo com Marx há uma mediatização entre o homem e o trabalho, que fornecem as relações sociais, entre os trabalhadores e trabalhadoras, e que, alterando a matéria prima, altera também o sujeito.

O método dialético é extremamente eficaz, pois ele “penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade” Lakatos & Marconi (2006, p.106) ressaltam a “essência da dialética, em um conjunto de ações que ocorrem em processo de devir”.

A dialética é a interpretação dos fenômenos naturais e sociais e sua principal substância é a contradição, é nela que se consegue chegar à essência, ela nos leva a realidade da história, também fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais (GIL, 1999. p. 32).

A partir disso as mudanças que ocorrem na sociedade e todas as transformações geridas pelos homens e as mulheres são analisadas de modo

profundo, pois foi vista por todos os ângulos, a partir das contradições, do movimento constante de análise, estudos, observação, tornando-se de modo objetivo um ciclo que se renova sempre, pois, todavia, haverá o que analisar e estudar. Uma realidade não fica estagnada, tudo está em processo de desconstrução e construção, um eterno devir, o que é essencial para a prática e teoria, notando assim, que uma jamais estará desvinculada da outra, mas apresentam-se de modos diferentes, contudo sempre interligadas. É impossível a prática sem a teoria e a teoria sem a prática também não se faz.

Como já se sabe o objeto de estudos almejados por Karl Marx, na outrora dos tempos em que este cientista viveu, foi a sociedade burguesa. Este foi atrás de compreender como se devolia a referida sociedade de seus dias, buscando verificar e assimilar os anseios, construções e estruturas desta. Seja, então, em consequência desta busca ou em motivação por esta, que Marx, é indiscutivelmente crítico da realidade. Ele tece críticas, questionamentos, indagações, hesitações, falhas, presentes na realidade por ele investigada conforme destaca Netto (2011, p. 18-19),

em Marx, a crítica do conhecimento acumulado consiste em trazer ao exame racional, tornando-os conscientes, os seus fundamentos, os seus condicionamentos e os seus limites - ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais [...] Avançando criticamente a partir do conhecimento acumulado, Marx empreendeu a análise da sociedade burguesa, com o objetivo de descobrir a sua estrutura e a sua dinâmica.

Logo, adotar como método de análise o materialismo histórico-dialético significa despir das viseiras que insistem em permanecer diante dos olhos, e não esperar por magia nas respostas da realidade social, mas pelo contrário, os homens e as mulheres devem questionar as verdades para superar o senso comum.

### **CAPÍTULO 3**

#### **TECENDO A TEORIA: interligando Gênero e a Agroecologia**

### 3.1 SEGUINDO OS RASTROS DO PATRIARCADO: **Breve histórico**

*Reificando-se a mulher, reifica-se também o homem,  
pois quem se satisfaz com um objeto,  
quem não tem necessidade de entrar em relação  
com outro ser humano, perdeu toda sua humanidade.*

*(Heleieth Saffioti. 2013, p. 116)*

Mulheres e homens são seres diversos, com dons peculiares, experimentações e sensibilidades específicas e até mesmo, opostas. Essas diferenças vão desde a anatomia de seus corpos até as formas de se expressarem, interpretarem e analisarem a vida. Suas naturezas, divergentes entre si, deveria ser espaço para complemento, algo que se somasse e se transformasse em jeito de caminhar conjunto e em unidade. Mas, estas, lamentavelmente e contraditoriamente, tornaram-se ao longo do tempo, espaço para formas de dominação, exclusão e discriminação.

Recorrendo a História, pois é através desse retorno crítico e reflexivo das sociedades anteriores a esta, que se pode obter frutuosas fontes de perspectiva para compreensão dos fenômenos que permeiam o chão da realidade atual - Uma vez que, a partir da História é possível gerar o devir com explicações da contemporaneidade. Observa-se que a desigualdade de gênero, diálogo proposto aqui para reflexões, condiciona a mulher numa submissão naturalizada ao homem tem em sua raiz uma cultura patriarcal social e histórica, que, como se verá adiante nem sempre existiu, mas que veio a se fortalecer com o advento do capitalismo.

Há uma gama colossal de escritos e estudos na área das ciências sociais sobre a condição da mulher, o machismo, relações de gênero e sobre o patriarcalismo, de tal modo, que é preciso ater-se ao cuidado de não perder-se na teoria e tornar o assunto demasiadamente repetitivo e enfadonho.

Mas, reconhecendo o inevitável retorno da perspectiva histórica de tal assunto, a fim de encontrar o fio que conduzirá a meada final, centrada no objetivo de encontrar o mais aproximado possível uma real explicação sobre a desigualdade de gênero, verifica-se que a sua gênese é enraizada no sistema patriarcal, conceito formulado para explicar a dominação do homem em relação à mulher e as crianças.

Millet (1969, p. 48-76) enfatiza que o patriarcalismo é “[...] uma estrutura social e política” em, que, analisando as teorias de Engels admite-se se tratar em sua concepção da “submissão das mulheres no sistema de propriedade privada”, pois a mulher, para o homem, adquire esse teor de propriedade, numa ideia de supervalorização do homem sobre a mulher, sendo considerado superior em seu papel de liderança nos níveis familiares, sociais, políticos, culturais e econômicos.

A história, porém, nem sempre foi contada na vertente de dominadores versus dominadas, como por exemplo, numa determinada época ancestral, especificamente no período neolítico de 8000 a.C. até 5000 a.C, nas sociedades igualitárias, como a denominadas “caça e coleta”, cada qual exercia suas tarefas dentro de uma divisão sexual do trabalho seguindo atribuições do feminino e masculino. Essa divisão seguia a preocupação da perpetuação da espécie e sobrevivência da comunidade, portanto, toda organização seguia de modo mais confortável e objetivo para suas populações (MILLET, 1969).

A caça era de responsabilidade dos homens da comunidade e a coleta de vegetais, raízes, frutas e plantas comestíveis eram realizadas pelas mulheres, devido toda incerteza que a caçada demanda por si só, pela imprevisibilidade de encontrar um animal e de conseguir matá-lo, diversas vezes os homens retornavam para a comunidade sem o alimento prometido, e quanto as mulheres sempre retornavam para casa com algo para saciar a fome de todos/as uma vez que a plantação cuidada é sinônimo de garantia de colheita produtiva (SAFFIOTI, 2004). Esses grupos ancestrais em que a mulher recebia maior prestígio é conhecido como grupos matricêntricos, definindo a sociedade coletoras da pré-história, sobre esse período, Zerzan (2011, p.2) revela, que,

[...] neste cenário, onde a pessoa que coleta também distribui e onde a mulher é responsável pelo provimento de 80 % da subsistência, é ela majoritariamente quem determina os movimentos e os locais de acampamento das sociedades de bando.

A mulher era também considerada um ser sagrado, pela sua capacidade de gerar e assim homens e mulheres andavam em comunhão, numa vivência conjunta que atualmente é visualizado utopicamente para os sonhadores e sonhadoras de uma sociedade sem exclusão, discriminação e desigualdade (KRAMER, 1487). Desse modo a vida seguia seu curso tranquilo e a fome e as necessidades eram saciadas pela caça de animais e pastoreio e coleta de alimentos. Embora

reconhecida em respeito devido a sua função de procriar, no entanto no âmbito público e privado tal reconhecimento não se efetiva, porque os recebia dos homens o que Kramer (1487, p.27) disserta, “a inveja do útero”, pois “os homens se sentiam marginalizados nesse processo e invejavam as mulheres”. Os homens até então não compreendiam o seu papel quando se refere às explicações da geração de novas vidas, havia a crença de que provinha dos deuses, abençoando as mulheres para a dádiva de dar a luz. Com o advento dos avanços tecnológicos o homem passou a ter um “poder cultural”, diferente do “poder biológico” que detinham as mulheres (KRAMER, 1487, p. 30).

Posteriormente essas sociedades vão se alterando para uma dominação masculina; para sociedades patriarcalistas, tal fenômeno ocorreu de modo gradativo e lento, mas com resistência feminina que tardou o processo como enfatiza Saffioti (2004, p. 59-60),

[...] o processo de instauração do patriarcado teve início no ano 3100 a.C. e só se consolidou no ano 600 a.C. A forte resistência oposta pelas mulheres ao novo regime exigiu que os machos lutassem durante dois milênio e meio para chegar a sua consolidação. Se a contagem for realizada a partir do começo desse processo de mudança, pode-se dizer que o patriarcado conta com a idade de 5.203-4 anos. Se, todavia, se preferi fazer o cálculo a partir do fim do processo de transformação das relações homem-mulher, a idade desta estrutura hierárquica é de tão-somente 2.603-4 anos. Logo, não se vivem sobrevivência de um patriarcado remoto; ao contrário, o patriarcado é muito jovem e pujante, tendo sucedido às sociedades igualitárias.

A fim de avançar nessa reconstrução histórica, volta-se neste espaço a utilizar da construção teórica de Kramer (1487, p. 38), que esclarece, sobre a atual lei do mais forte (homens) que opera até os dias atuais em relação ao “sexo frágil (mulheres), no que tange o espírito pela descoberta da gênese do sistema patriarcalista, e enfatiza,

hoje há um consenso entre os antropólogos de que os primeiros humanos a descobrir os ciclos da natureza foram as mulheres, porque podiam compará-los com o ciclo do próprio corpo. Mulheres também devem ter sido as primeiras plantadoras e as primeiras ceramistas, mas foram os homens que, a partir da invenção do arado, sistematizaram as atividades agrícolas, iniciando uma nova era, a era agrária, e com ela a história que vivemos hoje. Para poder arar a terra, os grupamentos humanos deixam de ser nômades. São obrigados a se tornar sedentários. Dividem a terra e iniciam as primeiras plantações. Começam a se estabelecer as primeiras aldeias, depois as cidades, as cidades-estado, os primeiros Estados e os impérios, no sentido antigo do termo. As sociedades, então, se tornam patriarcais, isto é, os portadores dos valores e da sua transmissão são os homens.

Aqui até mesmo os casamentos tornam-se pelo poder de propriedade, as mulheres passam a ter a sua sexualidade reprimida e controlada pelos homens. E o jogo de dominação macho-fêmea, tem-se início. Por essa razão, mulheres e homens, organizados/as ou não em movimentos feministas surgem para questionar estes papéis, na busca de sociabilidade aproximada ao que já houvera outrora.

### 3.2 ANÁLISE TEÓRICA E CRÍTICA DO CONCEITO DE GÊNERO: **Alfas e Frágeis?**

*“Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre. Porque alguém disse e eu concordo que o tempo cura, que a mágoa passa, que a decepção não mata. E que a vida sempre, sempre continua”*

*Simone de Beauvoir*

Ao referir-se o conceito gênero, espontaneamente há a condução das diferenciações entre masculinidade e feminilidade em todos os âmbitos: sociais, físicos, culturais e históricos (SILVA, 2000). A partir das concepções culturais e históricas, e com uma leitura crítica da realidade percebe-se que o conceito gênero é marcado por desigualdades no que se refere ao homem sobre a mulher, nascidos num sistema patriarcal como observado anteriormente.

Os estudos sobre gênero são recentes, iniciados no Brasil por volta das décadas de 1970 e 1980 com o objetivo de questionar a natural ordem de dominadores x submissas. Como assinala Cisne (2015, p. 86):

O conceito de gênero veio também no sentido de analisar de maneira relacional a subordinação da mulher ao homem, ou seja, os estudos sobre as mulheres não deveriam apenas limitar-se à categoria mulher, mas esta deve sempre ser analisada de forma relacional ao homem. Portanto, gênero se constitui como uma categoria relacional.

A partir dos impulsos de estudar o conceito de gênero com o foco da dominação do homem na sociedade, ocorre um avanço significativo para as mulheres, pois estas questionam papéis pré-determinados, numa quebra de paradigma que as conduzem cada vez mais para o embate de lutar por espaços até então ocupado por homens e para homens, como: na ciência, na política e na sociedade em si.

Zerzan (2011, p. 3) também contribui para a compreensão sobre o conceito Gênero a partir de sua ótica, ao frisar que,

gênero não é o mesmo que a distinção natural/fisiológica entre os sexos. Gênero é uma categorização cultural, uma classificação baseada na divisão sexual do trabalho, apresentada como a única forma cultural que importa. Se o gênero introduz e legitima a desigualdade e a dominação, o que seria mais importante a ser colocado em questão? Tanto em termos de nossas origens, quanto para o nosso futuro – apresentasse a questão da sociedade humana sem gênero.

Esta é uma chave de compreensão que não pode ser perdida de vista, como uma análise teórica crítica sobre o conceito de gênero para uma real interpretação da realidade de uma sociedade discriminatória e dividida entre homens e mulheres numa batalha em que ambos os gêneros, perdem (SANTOS; OLIVEIRA, 2010).

Os avanços nos estudos enquanto categoria social e histórica do conceito gênero tem conduzido para a interpretação na sociedade capitalista contemporânea, que este não se resume, para alguns intelectuais, apenas enquanto análise de diferença de sexo de homem e mulher, mas que diz respeito também “à raça, etnia, orientação sexual, idade e etc” Cisne (2015, p. 95), ou seja, todas as diferenças que geram contradição da sociedade burguesa pintada de uma só cor: homem, branco, cisgênero, burguês.

Embora seja importante visualizar as diferenças além de homem e mulher, essas devem ser levadas, na ordem capitalista, principalmente sobre o bojo que nasce da contradição capital-trabalho, na sociedade formada de classes, onde há a classe burguesa (dominante) versus a classe proletária (dominada) conforme Cisne (2015, p. 96), expõe,

assim é que uma mulher da classe trabalhadora dominante pode explorar uma mulher da classe trabalhadora, uma idosa pode explorar outra idosa, uma negra pode explorar outra negra, um homossexual pode explorar outro homossexual. Por isso os movimentos sociais devem ter como cerne a luta de classes, ainda que sem se limitar a essa dimensão, tampouco desconsiderar ou subsumir as demais (raça/etnia, gênero, geração, sexualidade).

Em seus estudos sobre o trabalho feminino Saffioti (2013) conclui que a mulher sempre esteve contribuindo para a economia através de seus trabalhos, o que sempre conduziu a mulher para desenvolver o trabalho foi a ânsia sempre presente na alma feminina de buscar maior conforto e segurança para o seio familiar. Com a mulher lançada no mundo econômico, há aos que recorrem para a premissa de que estas já alcançaram toda a igualdade que os movimentos

feministas vieram clamando desde a sua gênese de construção social em favor às mulheres e recorrendo por igualdade de direitos. Para Saffioti (2013, p. 39) “[...] a mulher foi lançada no mundo econômico pelo próprio sistema capitalista”, é possível de fato afirmar que essa se encontra em pé de igualdade em relação ao homem no mercado de trabalho? Ou ainda que esta se encontre completamente livre para desenvolver suas atividades, contribuindo para a sua independência, uma vez que a mulher sempre foi identificada enquanto categoria social submissa e dependente?

Pois bem, numa análise mais profunda percebe-se o quanto o capitalismo ao ser edificado ofereceu diversas condições contrárias e submissas para as mulheres, mas este sempre teve em seus pilares a exclusão e marginalização de determinada classe sobre outra, erguendo-se a partir dos antagonismos entre a burguesia e o proletariado. Assim, observa-se que,

No processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, ela contaria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural, era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção (SAFFIOTI, 2013, p. 65-66).

Na sociedade de classes a mulher lida, dentro do capitalismo, com a dupla exploração: dentro e fora do lar, uma vez que ainda cabe a ela os papéis domésticos como sua responsabilidade (SAFFIOTI & VARGAS, 1994). O gênero masculino que lida com as situações de divisão de classe, raça e etnia possui vantagem sobre a mulher uma vez que para o homem sua justificação superioridade é definida pela sua força física. Diferentemente da mulher que não possui a dinâmica de sua própria natureza, pois ainda há a maternidade, calculada friamente pelo capitalismo-industrial, como perda. Dialogar sobre o empoderamento feminino, nas relações de poder, é importante observar o que Saffioti (2004, p.114) sabiamente argumenta,

[...] empoderar-se equivale, num nível bem expressivo do combate, a possuir alternativa(s), sempre na condição de categoria social. O empoderamento individual acaba transformando as empoderadas em mulheres-álibi, o que joga água no moinho do (neo) liberalismo: se a maioria das mulheres não conseguiu uma situação proeminente, a responsabilidade é delas, porquanto são pouco inteligentes, não lutaram suficientemente, não se dispuseram a suportar o sacrifício que a ascensão social impõe, num mundo a elas hostil.

Desassociar a concepção de gênero à classe social é praticamente impossível, e as desigualdades de gênero acabam legitimando-se sob a ótica acima descrita, portanto é preciso a constante busca por quebras de paradigmas que ainda justifica a diferença de homens e mulheres no mundo do trabalho, uma vez que para ambos o trabalho exerce o poder de dignidade social, mas para a mulher possui a importância de torná-la mais independente no transcrever de sua própria história.

Analizando o século XVIII, a condição da mulher na sociedade francesa Badinter (1991) em sua obra “Palavras de Homens” dialoga ousadamente sobre os pensamentos em relação às mulheres que marcaram enorme influência na França em pleno contexto da Revolução. A autora almejava compreender os primórdios da discriminação de um gênero sobre o outro e o início da busca de liberdade e de maior reconhecimento das mulheres que pela sociedade francesa, formada ela opinião pública dos homens, eram consideradas como sexo frágil e limitadas à serem reconhecidas somente como filha e esposa de homens, ou seja, faltava-se a compreensão de que mulheres também faziam parte da humanidade, e por tanto, deveriam receber o devido reconhecimento de direitos e deveres como ser humana.

Verifica-se que neste contexto não havia um consenso de todos os pensadores, por exemplo, o revolucionário francês Pierre Guyomar, é um dos que se encontrava em lado oposto à discriminação que se sujeitavam as mulheres, e escreveu para a sessão da Convenção, *Archives Parlementaires* em 29 de abril de 1793, sendo o texto de n. 17 selecionado por Badint: “O Homem –diz ele – é o equivalente do latim *homo*, que exprime as duas palavras: homem e mulher. “Qual é, portanto, a prodigiosa diferença entre homem e a mulher?”, nota-se o tão elevado grau era a submissão das mulheres ainda se discorria se faziam ou não parte da humanidade e por isso aptas para os direitos e deveres de suas leis.

Atualmente, sobre ênfase maior do conservadorismo que está cada vez mais atenuante no cenário político-social, em razão de que sempre esteve enraizado na sociedade, tem-se o retorno do discurso de que a mulher, sexo frágil, possui seu lugar já pré-definido: no lar, na vida doméstica, cuidando dos filhos e do marido.

A significação desse termo de sexo frágil advém deste período, que explica a fragilidade feminina por mover-se guiadas pelos sentimentos, já o homem é mais racional, por isso mais dado à esfera pública ocupando cargos de chefia e administrativos. A fragilidade feminina é embasada por suas emoções, justificada que as mulheres sentem mais, e amam demasiadamente, e a isso se verifica,

sobretudo nos três estágios – de filha, de esposa e de mãe -, seja o único regulador de seus pensamentos e de todas as suas ações. Ora, o amor é cego: é sempre representado como tal, e com razão: e esse emblema engenhoso tem um grande sentido: não significa outra coisa senão que, quando se ama bastante, não se quer, nem se deve ver senão pelos olhos do objeto amado, e isso sem se degradar, sem se comprometer, sem se julgar um ser puramente passivo ou um verdadeiro autômato (BADINTER, 1991, p. 83).

Logo, explica-se que sua atuação é na esfera doméstica e que ali reside a sua missão enquanto ser humano e toda a sua glória, sair disso ou fugir a regra é negar a natureza, provocar renúncias que serão mal vistas pela sociedade, é ter-se diante de outros como incapaz de amar, como não mulher. É no lar, que está seu motivo de devoção no dia a dia, sua “força política”, seria como inverter totalmente a lei da natureza.

Mas estes eram os pensamentos que calcavam a sociedade, muitas mulheres se recusavam veemente a fugir de suas funções maternas e de esposas devotadas e obedientes, embora como tudo um processo de mudança constante e profundo, esses papéis tão definidos seriam posteriormente questionados, e sujeitos às tentativas de mudanças. Prova disso é o contexto atual, marcado pela presença feminina cada vez maior de buscas de ocupar os espaços políticos. Realidade cada vez mais importante de ser efetivada, e que gerou processo de muitas lutas, embates, rejeições, avanços e retrocessos. O certo é que se caminhou muito, e mais certo ainda é que se tem muito que caminhar.

É obvio que homens e mulheres são seres diversos, a ciência já nos provou isso e a natureza muito mais, não observá-las é praticamente impossível. Considerando uma dessas diferenças como o levar-se feminina conduzida pelos sentimentos, ou melhor, em expressá-los com maior facilidade e coragem, posto atualmente a compreensão de que homens são, também, seres sentimentais - uma vez que isso é nato do ser humano -, por que haveria de tornar essa diferença um enorme contraposto que gerasse aversão e submissão posta para as mulheres? (CONDORCET apud BANDITER, 1991, p. 87) questiona que “[...]é difícil entender como a diferença dos sexos poderia exigir uma outra [...]”, Como continuar a criar cada vez mais diferenças que joga uns em um lado determinado da realidade social, política e econômica? Não haveria de ser mais proveitoso, olhar carinhosamente, os dons que cada um e cada uma possuem para que se some no melhor para todos?

Almeja-se com essas reflexões o alcance da insaciável busca de compreender os fenômenos atuais observados na sociedade, marcados por dores e

gemidos que a discriminação da liberdade de ser de alguns, pode provocar em outros conduzindo-os/as à violência. Tanto no âmbito de diferença de gênero, de sexualidade, de raça e de cultura, por escolhas próprias ou pela inexplicável e autônoma influência da natureza que rejeita e sempre rejeitou respeitar cubículos e quadrados que felicitam o pré-conceito, logo a natureza que quer correr livre e solta. A violência que marca as mulheres e homossexuais coloca em xeque qual a igualdade alcançada e realmente efetivada na sociedade. E romper com essas desigualdades que geram violência é o enorme desafio para aqueles e aquelas que se propõem em construir uma sociedade mais justa.

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, pós-revolução francesa – de 1789 se cala referente às mulheres e sua participação social, aos que se opunham a tão feroz realidade eram silenciados brutalmente como a francesa Olympe de Gouges, que foi decapitada ao escrever a uma Declaração desejosa de abranger as mulheres nos direitos públicos e reconhece-las como cidadã (MACHADO, 2009. p. 85). Por mais que ainda se pareça engatinhar em questões tão fundamentais como o reconhecimento da mulher nos espaços políticos, provocações estas que já decorrem desde o século XVIII, onde em plena construção do Direito dos Homens e as divergências que se encontrara a respeito de oferecer as mulheres o acesso ao direito político e de participação das assembleias, de direito ao voto entre outros, mesmo com a união de alguns homens revolucionários franceses desse período junto a clubes de mulheres, e início das sufragistas e suas reivindicações populares, ainda não foi possível, com todo o vigor da luta, alcançar igualdade de gêneros nos direitos e deveres. As mulheres francesas esperaram por mais 150 anos para serem legitimadas como parte da humanidade e por isso cidadã tanto quanto os homens (BADINTER, 1991).

O rastro de desigualdade entre os gêneros pelo patriarcalismo se encontra entrelaçados com as formas de submissão da mulher em relação ao homem e aos filhos através do casamento e da maternidade. Essas relações desiguais são bem proveitosas para o sistema capitalista (ALVES, 1980; SOUZA-LOBO, 1981), e que ao serem, até certo ponto, provocadas pelo capitalismo em benefício de si próprio, sendo este sistema econômico social e político compreendido em síntese pela sua ambição em busca do lucro a qualquer custo e às custas de exploração e discriminação da classe trabalhadora.

O Serviço Social lida com as expressões da questão social provocadas pela contradição do capital, desenvolvendo uma análise crítica e pondo-se preferencialmente ao lado da classe trabalhadora na busca de emancipar sujeitos e efetivar os direitos sociais (IAMAMOTO, 2007). Por isso, aplica-se ao feminismo, como um movimento que luta pela igualdade entre homens e mulheres, um olhar marxista refletindo sobre as estruturas patriarcais, uma forma de dominação do sistema capitalista sobre as classes subalternas.

Analisar a situação das mulheres na sociedade a partir da luta de classes é compreender que a exclusão e submissão das mulheres estão interligadas nessa estrutura do capital que torna o sistema patriarcal seu braço direito para a hegemonia dominante da classe burguesia contra a classe trabalhadora. Supera-se a dominação do homem trabalhador com a libertação da mulher das amarras conservadoras patriarcais, a liberdade de um é a liberdade de outro e acima disto a superação da sociedade dividida em classes, numa sociabilidade justa e igual (SAFFIOTI, 2013, p. 116).

Ao analisar neste espaço os primórdios do sistema patriarcal e sua relação com o capitalismo, tecidos até então em proveitosas conversações, lança-se a seguir a proposta de estender esses diálogos ao campesinato. Os diálogos buscam por compreender como ocorrem as diferenças de gênero dentro nas relações sociais no campo, analisando o conservadorismo que atinge homens e mulheres nos dias atuais em seus roçados e lares.

### 3.3 GÊNERO NO CAMPO: **As contradições que desafiam a mulher camponesa**

*“Eu gosto de ter a planta e de observar a planta”*  
(Rosa- AMARI)

O principal anseio é o de construir mudanças que melhorem a realidade social, ambiental e econômica para as populações camponesas em suas mais diversas formas de ser e de se fazer presença no mundo. Para isso tem-se a fé na melhoria de homens e de mulheres para a construção coletiva desse mundo melhor, como poetiza Cora Coralina (2017, p. 92): “creio numa força imanente que vai ligando a família humana numa corrente luminosa de fraternidade universal. Creio na solidariedade humana. Creio na superação dos erros e angústias do presente”. Assim salta-se para além do otimismo, mas do crer real dos valores humanos para o bem comum e para a fraternidade. Acreditando nas pessoas e na ciência, nas

propostas agroecológicas e nas relações mais igualitárias de homens e mulheres, raças e culturas. Divergências que podem ser somatizadas em complementariedade e união, e as diferenças espaço de respeito e reverência.

Todo acreditar trás consigo a esperança, essa deve ser pronunciada no verbo ativo para tonar-se *esperançar*, essencial para a contemporaneidade política, econômica e social brasileiro, com realidades que não devem ser observadas de modo alheio e imparcial, mas com resistência e construção de dias melhores, tal como ensina Freire (2014, p. 110 – 111),

[...] é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo *esperançar*, porque tem gente que tem esperança do verbo *esperar*. E esperança do verbo *esperar* não é esperança, é *espera*. *Esperançar* é se levantar, *esperançar* é ir atrás, *esperançar* é construir, *esperançar* é não desistir! *Esperançar* é levar adiante, *esperançar* é juntar-se com outros para fazer de outro modo.

Esse *esperançar* é feito por milhares de mulheres no campo que aqui serão timidamente dialogadas. Compreende-se que lançar conversações sobre emoções, experiências e saberes da mulher em relação ao campesinato e ao manejo produtivo com a terra, é tarefa extraordinariamente importante quando se evidencia as diversas atribuições referentes às divergências entre os sexos numa cultura patriarcalista, aonde o homem centraliza a sua chefia sobre as mulheres e as crianças adquirindo o poder de liderança tanto nas relações familiares quanto política e econômicas, tendo assim o homem na centralidade, dominando as relações e a natureza. Conforme expressa Serrano (2014, p. 26) “acredita-se ainda que a lógica de dominação sobre a natureza e seus recursos, na qual o desenvolvimento da agricultura moderna se dá, é a mesma que estrutura as desigualdades entre os gêneros e a dominação dos homens sobre as mulheres”. Portanto tal realidade aliada com o conservadorismo encontrado no campo têm naturalizado, ao longo do tempo, a dependência e submissão feminina ao homem, retirando as significações e possíveis identidades de mulher, enquanto produtora rural, tornando-as invisíveis nos processos de produção de alimentos, cultivos e cuidado com a terra.

A labuta do homem é central para produzir a autoridade masculina. Essa se ancora no domínio e controle do processo de produção de conhecimentos que envolvem a gestão do *fazer-aprender* e do *saber-fazer* camponês e no planejamento para a realização de todo o ciclo produtivo (escolha das áreas de plantio, definição e do que plantar e das variedades de sementes, apropriação das técnicas e dos instrumentos de trabalho etc.) até as regras

de relacionamento com o mercado. Há uma ordem simbólica (moral) que se instala para reger o trabalho camponês e qualifica-lo de forma diferenciada e hierarquizada como trabalho de homens e trabalho de mulheres. O trabalho produtivo é constituidor da identidade e da autoridade masculina e requer a invisibilização e omissão do trabalho feminino que se anuncia nos roçados como ajuda (GEMA, 2013, p. 240).

Além da invisibilidade na produção, nota-se uma dicotomia dos espaços públicos e privados alcançado pelas mulheres, uma vez que os espaços públicos (sindicatos, diretorias de associações, cargos de lideranças) são ocupados majoritariamente por homens, enquanto às mulheres são destinados os espaços privados com maior vivência na cotidianidade (HENN, 2010). Siliprandi (2015, p. 108) leva essas atribuições nas relações dentro do campo, enfatizando que,

no contexto da agricultura familiar (agroecológica ou não), o poder sobre as decisões que afetam a família enquanto unidade de produção e também enquanto núcleo de convivência é outorgado aos homens, cabendo às mulheres um lugar subordinado. As atividades consideradas “produtivas” (que geram renda) valem mais que as “reprodutivas” (de manutenção das pessoas), sendo as primeiras identificadas com os homens e as segundas, com as mulheres. Homens e mulheres, na verdade, transitam entre essas atividades sem se restringirem obrigatoriamente a apenas um dos campos; e nem se “comportam” necessariamente de acordo com esses modelos. Entretanto, mesmo que a atividade venha a ser realizada por pessoas do outro sexo, a forma de valorização do que é masculino ou feminino permanece; assim como, mesmo que o comportamento das pessoas não corresponda ao modelo esperado, é esse conjunto de representações que serve como referência.

Essa realidade passa, muitas vezes, imperceptível até mesmo pelas mulheres, sendo uma consequência da naturalização desse fenômeno, conforme enfatiza Dubar (2005, p. 79) “[...] os homens se definem pelo trabalho, enquanto as mulheres, mesmo quando devem trabalhar se definem por seus papéis domésticos”. Justamente diante dessas contradições postas de sobremodo culturalmente é que gênero e campesinato tornam-se diálogo essencial e urgente, e que devem ocorrer dentro de espaços coletivizados, com a organização das mulheres em grupos produtivos, associações, e movimentos populares, para que juntas possam refletir sobre suas condicionalidades no campo em seus inúmeros desafios e, assim, buscarem conjuntamente maneiras de solucioná-los através de provocações e questionamentos das desigualdades que enfrentam em relação ao homem.

Construir sustentabilidade a partir de um modo de produção saudável tanto para o solo, animais e para a humanidade e pela superação das divergências sociais

e históricas entre homens e mulheres, conduzem para a revelação de alguns desafios postos na conjuntura social, política e histórica, como:

a) A necessidade de uma nova prática educativa permitirá diálogos conscientes, politizados e realistas das contradições do sistema capitalista-patriarcal, tornando a partir da educação uma possibilitadora de mudanças significativas pela via da conscientização.

b) As mulheres camponesas devem ocupar os espaços políticos e de lideranças, tanto da política do estado ou município quanto dos movimentos sociais, assumindo postos de liderança nas associações e etc., pois são elas que compreendem a partir das experiências adquiridas no dia a dia, as suas negações, contradições e necessidades, assim poderá alcançar chances reais de alcançarem avanços em relação a autonomia e reconhecimento social e político no campo, na plantação e na vida, fazendo nascer a esperança de mais igualdade a partir da conquista de direitos para melhores condições de vida.

Neste sentido Caporal (2003, p. 5) defende a o conceito de “extensão rural agroecológica”, enfatizando que,

um processo de intervenção de caráter educativo e transformador, baseado em metodologias de investigação-ação participante que permitam o desenvolvimento de uma prática social mediante a qual os sujeitos do processo buscam a construção e sistematização de conhecimentos que os leve a incidir conscientemente sobre a realidade, com o objetivo de alcançar um modelo de desenvolvimento socialmente equitativo e ambientalmente sustentável, adotando princípios teóricos da agroecologia como critério para o desenvolvimento e seleção das soluções mais adequadas e compatíveis com as condições específicas de cada agroecossistema e do sistema cultural das pessoas implicadas em seu manejo.

c) A devida assistência técnica e acompanhamento da produção por meio da Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER por profissionais também em sintonia com o modo de produzir orgânico e agroecológico. Profissionais eficientes na busca de técnicas e práticas que promova proteção no uso dos recursos naturais e com o mínimo de danos ecológicos, que procure viabilidade em conjunto com as mulheres e homens para uma produção alternativa, sendo estes/as profissionais livres do conservadorismo e de posicionamentos do modo de produção convencional.

d) Outro desafio é em relação de alternativas em Políticas Públicas, como mecanismo essencial, estas devem oferecer autonomia e independência à mulher, enquanto sujeita social reconhecida por sua produtividade.

Butto & Dantas (2010, p. 8), contribuem teoricamente com a inserção das mulheres na economia e produtividade, ao afirmarem que,

organizar as mulheres rurais para fazer a produção, a gestão e a comercialização de maneira autônoma é um desafio permanente daquelas e daqueles que pretendem reduzir as desigualdades de gênero. O Governo Federal, em particular o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a partir das suas atribuições, persegue este desafio com a instituição de políticas públicas para as mulheres, sempre em diálogo estreito com as protagonistas desta mudança, as trabalhadoras rurais. [...] As ações abrangem a identificação e a caracterização de grupos produtivos de mulheres, a formação, a capacitação, a promoção de espaços de comercialização específicos para maior visibilidade da sua presença econômica e a articulação local para viabilizar o acesso das mulheres às políticas públicas.

Não é somente a mulher que tem ganhos a receber a partir de sua autonomia, toda a família se beneficia desse processo libertador de identificação da importância da mulher camponesa nos processos de produção de alimentos e de renda para a família, tanto no que se refere a afetividade no núcleo familiar, quanto economicamente.

Concordando com Fischer (1992, p. 282), “[...] a ação política das mulheres rompe a cortina da sua inviabilidade pública, graças a uma trama de relações sociais que pressupõe interações e saberes, que por sua vez, redefine relações de poder também na instância do privado”. Logo a partir dessas experiências do engajamento das mulheres nos processos democráticos de luta e incentivo de reconhecimento do trabalho desenvolvido na terra, contribui para a superação das desigualdades de gênero, e construir uma sociedade mais plural e harmônica entre homens e mulheres.

Assim percebe-se que vem surgindo cada vez mais, um novo amanhecer, uma nova aurora multicolorida com tons de esperança na medida em que estes papéis de dominadores e dominadas, submissas e alfas, estão sendo questionados, fazendo ressoar o desejo de construção de novas formas de relações sociais, sendo entoado cada vez mais alto nas vozes de mulheres e homens que se somam na busca de uma sociedade calcada em equidade, justiça e harmonia.

Um das vozes que se destaca neste coral uníssono, é de Riane Eisler (2007, p. 11) que defende uma relação social não mais com uma parcela dominando todo o resto da sociedade, mas a busca permanente por uma parceria que supere a velha estrutura dicotômica de patriarcalismo/matriarcalismo, definindo como alcançável a

utopia já sonhada por muitos/as de uma sociedade mais igualitária entre homens e mulheres:

O primeiro, que eu denominaria modelo dominador, é popularmente chamado patriarcado ou matriarcado – a supremacia de uma metade da humanidade sobre a outra. O segundo, no qual as relações sociais se baseiam primordialmente no princípio de união em vez da supremacia, pode ser melhor descrito como modelo de parceria. Neste modelo – a começar pela mais fundamental diferença de nossas espécies, entre macho e fêmea – a diversidade não é equiparada à inferioridade ou à superioridade.

Há ainda muito que ser superado, desde violência sexual, sexismo, feminicídio e tantas outras inúmeras atrocidades, frutos de ideias preconceituosas de uma sociedade, que infelizmente, de modo omissivo, ainda justifica tamanhas violências devido ao machismo e patriarcalismo atenuantes nos lares, nas cidades, nos campos, e na vida social. Deve-se esta ser uma cobrança para com o atual sistema econômico, social e político que predomina no mundo: o capitalismo, que legitima essas violências ao não promover espaços de devido combate e superação destes fenômenos.

Alguns homens agindo com total violência brutal contra a vida das mulheres, através dessa cultura patriarcal-machista que legitimam o homem enquanto alfa, dominador e possuidor da vida e corpos das mulheres, encorajando-os, muitas vezes para a violência verbal e física. Lança-se assim toda a trama medonha de violência contra a mulher, que precisa ser efetivamente combatida por toda a sociedade através de campanhas, políticas públicas que assegure a defesa à mulher agredida e que juridicamente ofereça espaço para condenação de crimes de abuso sexual e violência física aos que cometem impiedosamente contra a mulher.

Por essas realidades visíveis de uma verdadeira chaga nas relações sociais é que o diálogo sobre gênero em suas desigualdades não pode ser escasso e precisa sair da academia com soluções reais para a vida afora, sendo assim um processo de cura intenso e gradativo que pode ser superado a partir de uma nova sociabilidade de harmonia e respeito de uns para com outros e outras, em relações baseadas no amor que protege e semeia o bem nas famílias, nas escolas, na política, e na sociedade enfim.

### **3.4 AGROECOLOGIA: O saber científico que une o humano, a natureza e a vida**

*Tudo está interligado, como se fôssemos um  
Tudo está interligado, nesta Casa Comum*

(Letra, música e instrum: Cireneu Kuhn, svd)

Interligado é a palavra chave que aqui será tecida na teoria e na defesa da agroecologia. Há tempos no decorrer da evolução desse planeta terra e todas as infindáveis modificações ocorridas a este minúsculo ponto azul no universo, ocorreram transformações no gerir da natureza. O homem ao descobrir toda a sua potência em lapidar, construir, erguer, destruir, a partir da modernização da vida com a revolução industrial modificou sistemas, biosfera, flora e fauna, tudo para seu conforto e avanços tecnológicos. A degradação ambiental acontece a todo instante com poluição, queimadas, lixo e inúmeras ações humanas neste limitado espaço planetário.

A humanidade esqueceu, ou perdeu a consciência, de que sua vida está, inevitavelmente, ligada à natureza, a mesma que ele destrói para construir muros, pontes e paredes que separa uns dos outros criando individualismo e indiferença.

Contudo, cada vez mais se percebe que a natureza é conectada à vida humana e vários estudos científicos têm provado isso. Acabar com os recursos naturais é encerrar a própria vida humana. Paradoxo? Não. Essa é a teia da vida que com os seus fios entrelaça a natureza e a humanidade. Capra (1996, p. 3-35) expressa perfeitamente esses laços, ao enfatizar que: [...]‘A teia da vida’ é, naturalmente, uma ideia antiga, que tem sido utilizada por poetas, filósofos e místicos ao longo das eras para transmitir seu sentido de entrelaçamento e de interdependência de todos os fenômenos. Uma das mais belas expressões é encontrada no célebre discurso atribuído ao CHEFE SEATTLE:

Isto sabemos. todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Tudo o que acontece com a Terra, acontece com os filhos e filhas da Terra. O homem não tece a teia da vida; ele é apenas um fio. Tudo o que faz à teia, ele faz a si mesmo (TED PERRY, inspirado no Chefe Seattle).

E assim ele defende as argumentações de que tudo está ligado e interconectado, as consequências são gerais para toda a vida que permeia sobre a terra. É como poetiza o versinho que parafraseia esse tópico, ensinando-nos como a vida e o meio ambiente em que estamos deve ser compreendida, afinal a terra sendo espaço de vivência natural de todos os seres que nela habitam, precisa ser zelada, nutrida e protegida por cada pessoa, pois terra e gente são “como se fôssemos um”.

A produção de alimentos para o número cada vez maior de habitantes na terra é algo imprescindível para a sobrevivência. O modo de produção é cada vez mais

questionado, pois, a procura por alimentos saudáveis tem se tornado uma exigência dos/as consumidores/as como frutos dos resultados das conversações no que se referem aos malefícios de uma alimentação com veneno e dos danos ambientais causados pelas monoculturas e intensivos químicos.

A maior ameaça para a vida e para a natureza recebe o nome conceituado de agronegócio, desejando ser modernidade, tecnologia, alta e veloz produção, benefícios rentáveis rápidos e garantidos, mas que desconsidera os aspectos ambientais, culturais, políticos e sociais do campo, conduzindo a quem o adere a não se preocupar com a sustentabilidade rural e ambiental. Schmidt e Lovato (2006, p. 13) esclarecem que: “a agricultura segue hoje um padrão de produção cuja hegemonia consolidou-se no período após a Segunda Guerra Mundial. Esse padrão é caracterizado pelo uso intensivo de insumos industriais e pela ênfase na alta resposta a esse uso e na quantidade produzida”.

Sua ânsia por lucro dentro do sistema capitalista tem desmoronado relações, poluído o ar, a água e causando inúmeras alterações negativas ao ecossistema em que este se instala. Aqui, denunciam-se suas atrocidades e revela-se a sua falência enquanto produção de alimentos e de única alternativa viável no âmbito econômico. Campos (2011 p. 109) contribui para compreensão sobre o Agronegócio ao afirmar que,

[...]compreendemos o agronegócio como uma complexa articulação de capitais, direta e indiretamente vinculados com os processos produtivos agropecuários, que se consolida no contexto neoliberal, sob a hegemonia de grupos multinacionais, e que, em aliança com o latifúndio e o Estado, tem transformado o interior do Brasil em um *locus* privilegiado de acumulação capitalista, intensificando múltiplas desigualdades socioespaciais.

Sua inserção no Brasil veio com o advento conhecido como Revolução Verde, objetivado em sua síntese em expandir o capitalismo no campo, a partir e com o golpe militar de 1964 quando se tem uma inserção dos processos de implantar uma modernização conservadora nos ambiente rurais, incentivados por pesquisas e ensinamentos que propiciavam a construção de uma monocultura cada vez mais entrópica, simplificando os ecossistemas, gerando a dependência da terra por mais fertilizantes e insumos químicos, retirando assim a fertilidade natural do solo, por isso vendiam-se cada vez mais pacotes tecnológicos dos Estados Unidos para o Brasil (MACHADO, 2014).

Os Estados Unidos procurava dominar economicamente e socialmente essas regiões, abrangendo até mesmo a assistência técnica rural para os camponeses/as,

tornando o Brasil entreguista às multinacionais que exploram a Amazônia deixando seus rastros de violência e degradação ambiental e social, com conflitos por terra e violência que daí decorre, afinal, a cultura colonialista nunca cessou o ciclo nestas terras brasileiras, derrotando nossa economia, nossas vidas e o nosso bioma Amazônico, aqui o jogo tem suas cartas definidas pelo:

[...] Estado e o capital em conjunto regulam as ações de dominação na região. Eles usam da força conjunta para favorecer grupos organizados na economia e na política, tendo como objetivo final a expansão e a concentração de capital na região. Nessa estratégia, utilizam a super exploração e colocam a natureza a serviço de grandes conglomerados econômicos. A exploração do homem e do seu ambiente passa a ser regra (PICOLI, 2006, p. 17).

No Brasil a revolução verde prometia encerrar com a fome e melhorar a vida no campo, promessa se revelou completamente falida. O capitalismo estrangeiro alcançasse o campo brasileiro através de sua modernização conservadora e de monocultura. Segundo Altieri (2004, p. 5), “[...] as estratégias de desenvolvimento utilizadas para a implantação do modelo agrícola convencional revelaram-se fundamentalmente limitadas em sua capacidade de promover um desenvolvimento equânime e sustentável”. Processo que excluía o saber tradicional, colocando-o como atrasado e retrógrado. A ciência doravante tempos tem provocado através do discurso de “novo” e “moderno” o desestímulo do saber tradicional, conduzindo-o ao quase esquecimento.

O agronegócio incentiva a agroexportação da maior parte dos produtos, reduzindo assim a economia local, seguindo o curso do neoliberalismo. Altieri e Nicholls (2006, p. 10) analisam como a caixa de Pandora está repleta de contradições,

[...] aquilo que os agricultores produzem é exportado, a (baixos) preços do mercado internacional, e se a maioria do que compram é importado (a preços elevados) todos os ganhos do sistema são extraídos da economia local e contribuem somente para o desenvolvimentos de economias distantes.

Na contemporaneidade observa-se a busca cada vez maior por desenvolvimento urbano e por tecnologias mais avançadas, a ciência conduzida pelo capital deseja que seja saciada a sua ganância na busca por lucros. No chão Amazônico esse desenvolvimento adquire algumas complexidades e problemáticas em relação aos recursos naturais e para as comunidades tradicionais e indígenas que precisam de tais recursos, cada vez mais ameaçados, para sobreviverem, tendo

suas vidas e dignidade respeitadas. O momento, portanto, exige o questionamento de qual tipo de desenvolvimento que se quer para a Amazônia, seus povos e toda a vida animal e vegetal que pulsam sob seus solos, garantido sua sobrevivência, e quem poderá construir novas formas de desenvolvimento que alie a vida ao econômico e social, sendo respeitado de modo a alcançar a justiça e a equidade. As conversações que aqui estão postas pretendem apresentar a agroecologia como modo de sustentabilidade tanto ambiental, quanto social e economicamente.

A Amazônia, que necessita ser defendida com ênfase da degradação causada pelo capitalismo, encontra na agroecologia uma aliada, uma alternativa de maior luz e resistência para campo, sendo construídos tanto no âmbito de pesquisas, estudos e integrando os camponeses e camponesas que têm um papel de extrema importância para a ciência agroecológica, sendo deles/as que a prática nasce e floresce, assim como o saber tradicional de povos indígenas e das comunidades tradicionais. Costa (2017, p. 38) afirma que a agroecologia,

além de contribuir para a soberania alimentar dos povos camponeses, a agroecologia colabora com lutas urbanas por uma alimentação mais saudável. Além de se revelar fundamental para a preservação ambiental e a defesa de bens comuns naturais como a água e a terra, ela também contribui para a organização de indivíduos em luta por direitos sociais, políticas públicas, educação, estradas, moradia, terra, saúde, créditos. A construção da vida política na agroecologia tem sido marcada pela resistência dos povos do campo, em seu esforço para reconstruir uma agricultura que se diferencie do modelo hegemônico, do agronegócio.

Modificando a maneira política, social-histórica e cultural de como deve se desenvolver o plantio, haverá maior sustentabilidade, economia e justiça social, urgências para uma vida harmônica e equilibrada entre os povos e a natureza. Com a assimilação de que “a agroecologia fornece a base técnico-científica de estratégias de desenvolvimento rural sustentável que enfatizam a soberania alimentar, a conservação dos recursos naturais e a superação da pobreza” (ALTIERI e NICHOLLS, 2006, p.9) fica evidente o quanto esta é imprescindível para contrapor ao agronegócio, e lançar luzes na problemática de fome e miséria encontrada atualmente tanto no campo quanto na cidade. Têm-se, no chão Amazônico, a agroecologia como um movimento social, pois, além de ousar a concretização de economia e sustentabilidade dos recursos sociais, se alia a mulheres e homens emancipados e conscientes de sujeitos de direitos e protagonismo social e político, integrando povos tradicionais e indígenas, juventudes e de Lésbicas, Gays,

Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros - LGBT'S, ribeirinhos, negritudes e toda a classe trabalhadora à margem pelo sistema capitalista-neoliberal.

Embora o conceito de sustentabilidade parece esgotado, torna-se necessário que este conceito seja revisto como o seus objetivos a cumprir, pois, ao se referir em sustentabilidade o que se almeja dizer é a coerência entre produção de alimentos e desenvolvimento rural aliado à vida com qualidade, ou seja, por meio de uma sintonia que levará a um equilíbrio ambiental, além disso, sustentabilidade também significa uma viabilidade econômica, pois é preciso garantir que as sociedades humanas possam se perpetuar economicamente falando, trazendo para suas famílias uma rentável economia. Assim segue-se a sustentabilidade com seus princípios já mencionados e com a construção de justiça social e diversidade cultural, sempre reforçando a interconectado com a vida em suas diversas e variáveis formas, tanto vegetal, ambiental, humana e animal.

A agroecologia trata-se de:

a) Propostas lúcidas de manejo com a terra de modo sustentável e ecológico, ao construir uma agricultura orgânica sem o uso de insumos químicos. Pois, Sua principal objetividade, conforme Altieri (2012, p. 105) é de criar “[...] um entendimento mais profundo a natureza dos agroecossistemas e dos princípios por meio dos quais eles funcionam”, e assim com os agroecossistemas manejar o solo preservando os recursos naturais e as propriedades do solo e desenvolvendo o planto saudável.

b) É responsável pela agricultura familiar autônoma, onde primeiro alimenta a família depois vende-se o excedente;

c) Fortalece a economia local, pois se pauta no empoderamento das economias locais, vendendo os produtos nos comércios locais, assim “o dinheiro circula diversas vezes dentro da economia local, gerando empregos nas provações e permitindo que os agricultores ganhem ali suas vidas” (ALTIERI e NICHOLLS, 2006, p.10).

O que se dialoga é que é possível assegurar economia e proteção ambiental, e que se faz necessário a opção por um modo de produção que seja rentável e socialmente justo. Leff (2002, p. 37) poeticamente e enfatiza que,

A agroecologia é terra, instrumento e alma da produção, onde se plantam novas sementes do saber e do conhecimento, onde enraíza o saber no ser e na terra; é o caldeirão onde se amalgamam saberes e conhecimentos,

ciência, tecnologia e práticas, arte e ofícios no forjamento de um novo paradigma produtivo.

Diante da crise socioambiental que a humanidade vem enfrentando nas últimas décadas, a agroecologia e sua proposta de restauração da plantação e das relações humanas mais harmônicas e iguais, torna-se cada vez mais urgente e necessária. As mudanças climáticas são respostas e apelos que a natureza têm feito para com os tratos que vêm recebendo, o homem está intimamente integrado à natureza sendo parte dela, não alheio ao que ocorre com o planeta e as suas consequências. Se o desenvolvimento continuar sendo predatório, acabará por devorar toda a humanidade. Mais de 70% da população ocupa as cidades, levando a inúmeras problemáticas de violência, desemprego, e toda além das formas de desestrutura que não oferecem segurança e conforto para os mais pobres. Assim os apontamentos que tornam viáveis para redução dessa problemática é a Reforma Agrária, que no Brasil, ainda é um tímido projeto rabiscado em algumas folhas oficiais e apontados como urgente por diversos estudos e pesquisas. Afinal com a reforma agrária surgirá uma justa distribuição de terras, combatendo o monopólio e concentração destas, e toda uma rede de políticas públicas que viabilizará a vida no campo, com transporte, educação, saneamento básico, produtividade garantida e comercialização destas, cuidando dos campos, cuida-se das cidades (RIBEIRO, 1987).

A construção de uma produção ecológica já é defendida no âmbito da legislação ambiental brasileira, que com o seu Novo Código Florestal (Lei 12.651/2012) que quer primar por uma sustentabilidade no campo, com o cuidado das florestas e dos recursos naturais. Com o novo código estabelece-se a prioridade restaurar as Áreas de Preservação Permanente – APP, cuidando da vegetação, preservando-a (Art. 7ª, inciso 1º). Assim, aliar políticas públicas para o campo com alternativas agroecológicas oferecerá ganhos para toda a população e para as problemáticas já citadas aqui. O compromisso com a agroecologia é para aqueles e aquelas que desejam uma vida saudável para as pessoas e para o planeta terra.

#### **CAPÍTULO 4**

##### **4. DA TEORIA PARA A VIVÊNCIA: As intervenções como realizações concretas**

A pele da Terra diante de nós  
e você me dá as mãos. Vem?  
Despela o solo e revela  
a aorta de tudo que pulsa.

(A mina, Deborah Goldemberg)

#### 4.1 Preliminar

Há dois caminhos a escolher seguir: o que gera vida e o que gera morte. Projetos hegemônicos que não se solidarizam com os povos tradicionais e indígenas, mulheres, com o campo, e responsabilidade socioambiental. Na Amazônia, já há uma “zona” sendo realizada há tempos pelo processo de exploração e violência contra cada ser que pulsa em vida nesse imenso bioma brasileiro e patrimônio ambiental.

Quem se unirá e dará as mãos para a construção de novas alternativas? Quem ainda ouve o clamor da terra, onde “toda a criação divina sofre e geme em dores de parto” (ROMANOS 8,22). Há tempos anseia-se com um novo amanhecer, e muitos/as caminham rumo a este em organizações populares que ousam exigir o firmamento de seus direitos sociais estabelecidos e a construção de políticas públicas que gerem vida. Sabendo que o assunto em pauta, único e urgente, refere-se à sobrevivência do planeta, é imprescindível trazer para o diálogo uma forma de produção que seja ecológica, com princípios éticos e que consiga ser de benefício para toda a humanidade e em suas mais diversas necessidades. Machado (2014, p. 65) insiste que o primeiro passo a ser tomado, com coragem e decisão, é de,

[...] desconstrução do saber da agricultura convencional. Romper o dogmas das receitas, dos pacotes; substituir o aparentemente simples por princípios; estudar os clássicos, não só da produção agrícola – animal e vegetal – como da filosofia. É indispensável desenvolver a capacidade de pensar. Isto implica necessariamente na reformulação dos currículos escolares, voltando ao saber eclético, ao estudo das causas dos fenômenos, na inter-relação constante e dialética de que “tudo se relaciona com tudo” e que da contradição dos contrários surge o caminho.

Desconstruir todos os mitos que a agricultura convencional criou contra a agricultura familiar, camponesa e agroecológica, é base inicial para quebra de paradigmas que legitimam toda a ruidez de danos ambientais, sociais e éticos que a agricultura capitalista vem realizando nas últimas décadas. Por isso espaços para pesquisas, estudos, conferências, seminários aliada a uma ciência que quer construir alternativas de produção limpa e ecológica é indispensável. A incitação de diálogos dentro da sala de aula a partir dos primeiros anos colegiais que mostrem a partir de teoria e prática com oficinas, o respeito à natureza, ao saber tradicional e a ligação da humanidade com os animais e com toda a natureza, mostra-se claramente evidente, fugindo simplória “semana pelo meio ambiente” ou de “dia do

meio ambiente” que não gera processo de reflexão nem mesmo nas universidades, quiçá então, dentro das escolas nas salas de aula e a partir daí nos lares, nas ruas e na sociedade em si.

Pesquisas e avanços em tecnologias renováveis são devidamente amparados no Art. 4, inc. IV lei da Política Nacional do Meio Ambiente - Lei 6938/81, que dispõem do incentivo de: “desenvolvimento de pesquisas e de tecnologias nacionais orientadas para o uso racional de recursos ambientais”; logo a Agroecologia como ciência que visa reunir conhecimentos a fim de avançar e superar o agronegócio e sua invalidez em alimentar a humanidade gerando ainda como consequência danos ambientais inexoráveis para o planeta e para os recursos naturais. Desse modo, após uma ruptura de paradigmas que coloca a agricultura convencional como o centro das atenções, e em seu lugar, “estudar e incorporar saberes que promovam tecnologias limpas, que respeitem os bens naturais, e ao mesmo tempo ofereçam aos produtores um caminho produtivo e positivo, econômica, financeira, social, ambiental e eticamente” (MACHADO, 2015, p. 38).

Como caminhos alternativos escolhidos para serem trilhados pelo grupo de mulheres da Associação de Mulheres Agroecológicas do setor Riachuelo do município de Ji-Paraná, distrito de Nova Colina – Rondônia, tornando-se para esta realidade rondoniense um dos exemplos vívidos de resistência e organização popular cuja principal motivação advém de seus posicionamentos políticos, sociais e utópicos para suas famílias e para a sociedade a fim de avançarem dando um passo de cada vez, mas ininterruptos, de buscarem formas de romperem com paradigmas e conceitos pré-estabelecidos pela sociedade capitalista brasileira que em nada oferece para que haja uma soberania alimentar no país, ao mesmo tempo em que elas constroem juntas a agroecologia em suas terras, florescendo em esperanças a partir de sua iniciativa.

O grupo de mulheres permitiu livremente de ser acompanhadas nas suas atividades, reuniões e até mesmo em cada unidade familiar de produção em espontaneidade e confiança sincera durante o período de Estágio em Serviço Social que ocorreu ao longo do ano de 2018. Tal experimentação só foi possível pela disponibilidade da EMATER de Nova Colina em sua acolhida como campo de pesquisa, observação e intervenção com toda a sua equipe em atuação na realidade do já mencionado distrito.

Compreende-se o estágio como um importante mecanismo de cooperação para os/as estudantes em formação a caminho da profissionalização, pois é neste âmbito que a teoria pode ser observada na prática, permitindo assim novas interpretações, sendo uma oportunidade essencial para o/a acadêmico/a, bem como Ressalta Oliveira (2003, p. 50):

[...] a capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa, devendo ser dinamizada de acordo com a realidade social, a partir do contexto político-econômico-cultural das relações sociais. O estágio, como espaço de aprendizagem profissional, significa o momento de apreensão da realidade profissional em seus aspectos difusos, tensos, contraditórios, os quais possam favorecer a relação na dimensão da prática profissional e na prática social dos sujeitos.

O estágio de Serviço Social na EMATER do distrito de Nova Colina foi acompanhado por muita conversa franca, instruções, conselhos e convites de participação junto à assistente social e demais profissionais atuantes na Entidade em algumas de suas atividades desenvolvidas com os produtores e produtoras do pequeno distrito, seguida sempre sob olhos e atenções da profissional Maria Ires que na EMATER desenvolve o trabalho enquanto extensionista social. Assim foi possível vislumbrar os prazeres e os desafios da atuação do/a profissional dentro das relações do campo, e toda a sua maleabilidade e tensões que enfrenta em seu cotidiano, ao ir agindo com o que pôde obter da formação acadêmica e do que dispõem pela própria Entidade.

Reconhecendo o importante papel desempenhado pela profissional, cabe aqui, portanto, uma ressalva no que se refere ao modo de contratação dos/as profissionais formados em Serviço Social e a sua atuação no campo, pois sabe-se que o campo também é um espaço em que há inúmeras questões sociais que se enraízam ofertando desigualdade, injustiças sociais, violência e conflitos de gênero e geração. Falta-se a efetivação de políticas públicas que permitam maior acessibilidade de renda e de perpetuação no campo, como espaços de lazer para as juventudes, educação do campo voltada para os saberes e exemplos que os/as produtores/as rurais encontram no seu dia a dia. O olhar de um/a profissional assistente social é imprescindível para que possa haver soluções que superem tantos conflitos encontrados no campo, por isso a extensão rural é um ambiente que deve ser ocupado por profissionais do Serviço Social, mesmo que haja limitações em seu fazer profissional, que deve ser superados no dia a dia de sua atuação.

#### 4.2 ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL E O/A PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL

O/a profissional formado em Serviço Social utiliza de sua competência teórica em um campo de atuação como na EMATER, para cumprir sua função perante a sociedade rural de orientar, validar e efetivar seus direitos sociais, buscando construir uma maior qualidade de vida e empoderamento nas populações rurais, desejando a sua construção de tornarem sujeitos de sua própria história. Esse é sempre um caminho longo para os/as usuários/as e para o/a profissional, mas, extremamente importante para toda a sociedade civil, pois, emancipando o campo, emancipa também a cidade, avançando no campo há avanços na cidade.

Vários são os elementos da profissão que o/a profissional utiliza como assistente social no campo de atuação da EMATER, como o Desenvolvimento Social que requer a mobilização, organização, a autonomia e o protagonismo social, o fortalecimento das organizações políticas existentes naquele território acompanhado pelo/a profissional, pois é uma importante ferramenta de inclusão socioproductiva, com foco nas questões relativas à geração de renda, gestão patrimonial, documentação e cidadania, saúde preventiva, cultura e lazer, segurança alimentar e nutricional e outras ações afirmativas.

Em seu dia a dia utiliza do Plano de Ação com o qual pode acompanhar os camponeses e camponesas organizando nas esferas individuais, com sua família e também com movimentos sociais, usando de instrumentais como oficinas, rodas de conversas, debates, palestras, que melhorem suas capacidades de socialização e produção. A profissional conta com o Diagnóstico Rural Participativo - DRP na área social no Projeto Ação Social e Cidadania, que, assessora pessoas, organizações e movimentos sociais para prestação de serviços que buscam o desenvolvimento de capacidades, convívios e trabalhos em coletividade.

O Projeto de Ação Social e Cidadania propõe contribuir nos espaços rurais e urbanos onde atuam os agentes facilitadores das políticas públicas de assistência social, onde a maior meta é a consolidação da política de assistência social enquanto política de enfrentamento das dificuldades sociais inclusão social, garantindo a proteção social básica às famílias em situação de vulnerabilidade e risco social, na busca contínua dos direitos sociais, bem como a garantia dos direitos à cidadania (Plano de Gestão Social, 2009, p.20).

Diariamente nas realizações do trabalho da assistente social o DRP contribui para uma ampla visão das necessidades do seu campo de atuação e formas de

promover direitos para os usuários dos quais ela presta assistência técnica e acompanhamento.

A Entidade Autárquica de Assistência Técnica e Extensão Rural do estado de Rondônia – EMATER realiza as contratações do profissional em Serviço Social como “extensionista social”, compreende-se o conceito de extensionista como aquele/a que leva o seu conhecimento teórico a alguém que dele necessita para desenvolver suas atividades, assim esse profissional estende o seu saber para outrem. Essa compreensão pode aqui ser melhor explicada, de modo crítico, com o auxílio de Freire, (1983, p. 11) “O extensionista tem a tarefa de estender seus conhecimentos e suas técnicas ao grupo que acompanha para que esse grupo possa transformar melhor o mundo em que estão[...]” e tece como crítica ao conceito, enfatizando que: [...] o conceito de extensão não corresponde a um que-fazer e educativo libertador... pois esse conceito nega o papel de educar e ser educado, uma vez que define o extensionista como quem sabe, e os que ele acompanha como inferiores” (p. 13). A construção do saber só se faz possível ao compreender que

“[...] o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações.” (FREIRE, 1983 p. 22).

Desse modo o trabalho da Assistente Social inserida no campo de atuação da EMATER encontra algumas limitações em pendências burocráticas e com um espaço tímido para a atuação completa embasada na sua formação.

Uma de suas principais funções consiste em mediar necessidades dos/as produtores/as com os programas existentes e implantá-los nas propriedades rurais, fornecendo o devido acompanhando e assistência para o sucesso no desempenho do mesmo.

Criar espaço de promoção, divulgação e comercialização dos produtos de agroindustriais familiares e de artesanato, produzidos pelos agricultores e agricultoras familiares [...], mulheres rurais, assentados e assentadas da Reforma Agrária e do Programa Crédito Fundiário, extrativistas, [...], que atendam os requisitos de enquadramento como beneficiários do PRONAF, bem como divulgar políticas do MDA para a agricultura familiar, comunidades tradicionais e a reforma agrária, dando visibilidade ao meio rural brasileiro a partir de seus territórios de identidade e divulgar a estratégia de desenvolvimento do MDA (CARVALHO, 2012, p. 44).



Figura 1 Maria Ires mediando o profissional em Agronomia para avaliação do plantio de um produtor rural. Créditos: FERREIRA, 2018.

Sua atuação deve pautar-se por ser construir meios de sobrevivência no campo para as juventudes que ali residem, diminuindo desigualdades, conflitos sociais e a superpopulação nas cidades, que oferta para quem vem do campo pouco ou nenhum espaço e na maioria das vezes resta desemprego, discriminação e aglomerados sem estrutura física e humana nos locais periféricos das cidades. Fortalecer a agricultura familiar é essencial para que haja estruturas sólidas entre as famílias produtores/as rurais, confrontando assim a hegemonia do agronegócio e edificando o campo.

Em Rondônia o agronegócio se instala a partir da década de 1990 pela via do eixo da BR 364 onde,

[...] começa a ser ocupado pelo agronegócio, iniciando pela região sul do estado, implantando uma agricultura com alto uso de máquinas, adubos e agrotóxicos, que expulsa as famílias do campo, polui as águas, solo e ar e produz exclusivamente para atender as demandas para exportação[...]. (NUNES e SOUZA, 2018, p. 227)

Assim, já é possível observar a fragilidade de permanência no campo com a consolidação de um projeto que visa somente o lucro, aumentando as problemática em Rondônia e significativa violência no campo. Novamente a agroecologia surge como proposta capaz de trazer na prática respostas concretas para as problemáticas aqui enfatizadas, pois, para os camponeses e camponeses é uma alternativa de produção que não impacta o meio ambiente e é economicamente rentável, pois, além de não ter custos na produção em maquinarias e agrotóxicos, mantém a saúde das famílias minimizando custos em farmácias e há alternativas de comercialização dos produtos orgânicos.

Outra característica é o envolvimento da família na manutenção, cuidado e plantio da terra e das plantas, gerando maior interação familiar, reforçando os laços afetivos. Desafios de desvalorização da mulher nesse processo são aos poucos e gradativamente superados, pois, como garante Zé Pinto “a gente cultiva a terra e ela cultiva a gente” com novas formas de olhar a realidade, transvendo-a em mais respeito e harmonia. O olhar aproximado das realidades e desafios de cada mulher agricultora que se organiza socialmente e politicamente no seu pedaço de chão em Nova Colina, revelam que há sim propostas que edificam a vida, a terra, os recursos naturais e promovem outra forma de sociabilidade, fundada principalmente no amor à terra e no querer bem para as famílias. As intervenções elucidadas a seguir revelarão a concreticidade do que foi experimentado durante o estágio no que se refere a importância da mulher para o campo e do incentivo do Estado em oferecer políticas públicas que viabilizem a vida no campo e o seu desenvolvimento, onde na ausência delas, comprovam-se as dificuldades e desafios que se apresentam no campo enquanto questão social para os camponeses e camponesas, dificultando a permanência nesse espaço.

Para que as intervenções pudessem ocorrer de modo minimamente satisfatório, foi necessário todo um planejamento das ações, olhando a realidade e a teoria já decorrente dos desejos do tema, portanto seguiram-se as orientações provenientes da disciplina de Estágio em Serviço Social II, sempre visando a ação e a atuação do/a profissional formado em Serviço Social e utilizando dos conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação e dos instrumentais que utiliza para por em prática seu trabalho em seu campo de atuação. Para auxílio da acadêmica houve o acompanhamento e orientações da profissional atuante na EMATER, enquanto supervisora de campo.

O planejamento se deu de modo que prioritariamente fosse possível compreender a dinâmica vivida pelas produtoras rurais e os desafios encontrados por elas na realização dos objetivos do modo de produzir escolhido por elas, ou seja, a ausência do Estado em políticas públicas para o campo e de oferecer subsistência adequada para os produtores e produtoras rurais. Para isso foi de suma importância pensar numa adequada aproximação com essas produtoras para entender o seu dia a dia.

Uma profissão não se define somente pelo seu método de trabalho, pelo seu ciclo operativo, dentro de uma área ou setor do universo que se propõe a estudar, ocupando o número significativo de pessoas que, por seu exercício, recebem uma remuneração. Uma profissão define-se nas relações historicamente estabelecidas pelo desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais entre classes dominantes e dominadas. Em outras palavras a profissão implica saber e poder. (FALEIROS, 2011, p. 85).

Assim a primeira lição já foi tomada como essencial, sendo esta a de que o/a profissional deve compreender o seu campo de atuação, numa devida leitura de realidade, e assim poder atuar devidamente nas relações e demandas que surgem. Conhecer o seu público e as expressões das questões sociais que por dali surgem e somente por este caminho haverá a possibilidade de desenvolver atuações que irão promover verdadeira justiça social, empoderamento, dignidade de vida, objetivos que jamais poderão acontecer por pacotes pré-definidos.

Os encontros aconteceram principalmente na participação das reuniões, sendo estes os espaços mais adequados para compreender a organicidades e pautas a serem defendidas naquele momento pelas produtoras rurais da AMARI, os momentos de (re) encontros ocorriam sempre na última sexta-feira de cada mês, servindo de dois objetivos básicos: Realizar visitas nas unidades de produção, fortalecendo os vínculos de amizade e como espaços para troca de experiências. Essa caminhada foi acompanhada também pelo profissional em Agronomia, o Jurandir, responsável pelo acompanhamento técnico rural para a associação de mulheres como profissional da EMATER, tendo todo conhecimento científico e domínio de alternativas ecologicamente ambientais e agroecológicas, o Jurandir também foi um dos responsáveis pela construção e organização da associação AMARI sendo um idealizador junto com as mulheres de Nova Colina, e por isso o acompanhamento do estágio no sentido de observar e acompanhar a AMARI era realizado com o auxílio fundamental e indispensável do mesmo. Na EMATER junto com a supervisora de campo, os encontros aconteciam, sobretudo, nas quintas-

feiras a fim de compreender um pouco mais a sua função no escritório para base de planejamento de atuação posteriores em campo, junto às famílias e visitando suas unidades produtivas e seus lares.

#### 4.3 AÇÕES QUE (RE) CONSTROEM A REALIDADE: **Relatando as Intervenções**



Figura 2 – Primeira reunião, 31/08/2018  
Créditos: FERREIRA, 2018.



Figura 3 – Primeira reunião, 31/08/2018  
Créditos: FERREIRA, 2018.

A experiência de aproximação com o objeto de investigação foi vivenciada de modo mais intenso possível. Desde o percorrer nas estradas de terra, o cheiro do ar fresco que só no campo pode ser experimentado trouxe vigor e profundo desejo de maior proximidade de cada realidade e suas divergências e semelhanças, buscou-se por tentar fazer parte de cada história, e até através de uma escuta atenta sobre o que era partilhado espontaneamente trouxe significativos aprendizados. A realidade mostrava-se contraditória em diversos pontos, sobretudo na ausência de políticas públicas pelo Estado que viesse a construir mais autonomia e independência para aquelas mulheres que, politicamente se uniam para produzir organicamente.

Algumas limitações foram superadas, mas, outras foram empecilhos, para que pudesse haver mais mediações com a associação das mulheres do interior da cidade de Ji-Paraná. Assim, aqui se expõem o que pôde ser realizado enquanto torna-se espaço de ênfase das faltas de alternativas na comercialização e produção de orgânicos que possam ser mediados, desde uma eficiente assistência técnica e extensão rural até a participação de uma sociedade civil em sintonia com a soberania alimentar.

O que ficou de fortalecimento para as mulheres da associação AMARI jamais poderá ser lapidada em concretização total nestas páginas, pois a realidade está para aquém da escrita, e sim, para a vivência no dia a dia daquelas que

ousadamente constroem juntas uma produção mais saudável e ambientalmente responsável, tanto para seus lares quanto para aqueles e aquelas que comercializam suas produções.

No dia 31 de agosto de 2018, foi possível a primeira apresentação com o grupo AMARI-Associação de Mulheres Agroecológicas do Setor Riachuelo, o encontro ocorreu na sexta-feira, por volta das 14h, na casa da senhora Leontina de Barros, da linha 86 gleba 05, lote 11. Essas reuniões ocorrem entre as mulheres que possuem certificação de plantio orgânico, esta trata-se de uma política pública, com o principal objetivo de incentivo para este modelo de produção, não são todas as mulheres que fazem parte da associação AMARI que possuem essa certificação, algumas por motivos de recente ingresso na associação, o objetivo é tornar todas certificadas, pois assim poderão comercializar suas produções e haverá acompanhamento técnico maior. A certificação é um documento que garante a origem orgânica dos alimentos para os/as consumidores/as. Esses espaços de socialização dos desafios, trocas de experiências e diálogos que estreitam os laços de amizade e de simpatia umas com as outras, fornecem uma leitura conjunta da realidade e assim soma-se em força para lutarem por políticas públicas.

Dito isto, fica evidenciada as propostas de manter a coletividade enquanto espaço político, para tomadas de decisão e fortalecimento na luta por políticas públicas e sociais. Como a troca de vivências e experimentações vivenciadas em cada unidade familiar de produção é um dos objetivos primordiais dessas reuniões, sua organização acontece em forma de rodízio, onde cada mês escolhe qual será a próxima mulher da AMARI a receber a reunião em seu lar e em sua produção. Ocorre o repasse de iniciativas realizadas nas produções, e incentivo para maiores avanços de cada uma. Neste espaço as mulheres da associação AMARI se fortalecem mutuamente aprimoram juntas diversas técnicas e alternativa para a produção orgânica e novas formas de equilíbrio natural dos agrossistemas, elas partilham em meio aos risos espontâneos e brincadeiras camaradas, qual a praga nova que surgiu em suas produções, há então partilhas do que pôde ser desenvolvido a fim de solucionar o problema, enquanto conversam a respeito da própria associação, como avançar, o que necessitam, quais os caminhos aderirem para continuarem organizadas e garantirem juntas o sustento familiar. Em uma das reuniões, numa unidade familiar, o casal apresentou com dinamismo e alegria sua implantação de sistema de água, vindo da nascente, onde é enviada para a casa. A

família não possui em sua horta e plantios nenhum tipo de insumo químico, e orgulham-se disso, desenvolveram com diversas fases de experimentações a construção do próprio gás a partir da utilização de insumos de fezes do gado e dos animais que criam, todas as mulheres pretendem adotar esse modelo de produção em suas casas, sob o incentivo de Jurandir, pois, além do benefício para a natureza por não ser agressivo ainda gera adubo natural que pode ser utilizada na plantação, outro benefício é a economia financeira para a família, para melhor enfatizar essa iniciativa, ilustramos a fotografia do dia de explicações da criação e funcionamento do biogás pela família:



Figura 4 – Apresentação do Biogás, experiência pioneira na AMARI, 31/08/2018  
Créditos: VILARIM, 2018.

Estar presente durante a reunião, considerando a intimidade e liberdade de exporem seus anseios, necessidades, desafios e testemunho de superação, tornou-se fonte de aproximação e de sintonia entre estagiária e grupo social a pesquisado, mesclando ideais, sonhos, e a mesma utopia de um mundo melhor, equilibrado ambientalmente com harmonia entre a humanidade e os recursos naturais, enquanto se planta alimentos saudáveis, sem veneno e fertilizantes químicos. Essa aproximação não foi realizada de modo frio e alheio à realidade, mas numa dinâmica que permitiu respeito às diferenças e solidariedade com as pautas e bandeiras ideológicas levantadas.

A construção da associação em Nova Colina, foi partilhada pelas mulheres com muito entusiasmo e brilho nos olhos em lembrarem o chão trilhado que as trouxeram até o presente momento, a organização da associação, foi a partir da

proposta do técnico da EMATER, Jurandir, que ao participar de um evento em Porto Velho apresentou para elas a ideia de se organizarem para construírem uma associação, assim partir desse incentivo inicial elas ao abraçarem a proposta tornaram a ideia concretizada em ação, tornando-se o grupo de mulheres da AMARI, todo o sucesso atual partiu por motivações diversas mas que só foi efetivado pela determinação e escolha delas enquanto sujeitas de sua história e na decisão de aceitarem fazer parte da associação e continuarem dia após dia.

Elas se sentem imensamente grata pela proposta do Jurandir e em acompanhá-las, houve tempos mais difíceis onde perceberam que não estavam recebendo um acompanhamento de extensão ideal e que saciasse suas necessidades e enfrentamentos diários em tocar uma produção orgânica, e isso é algo vislumbrando em níveis maiores, pois No Brasil é preciso também reforçar a essencial assistência técnica e extensão rural brasileira, presente na maioria dos estados, para serem caminhos alternativos para o desenvolvimento sustentável. A extensão rural deve adquirir novos rumos para que possam, THEODORO e DUARTE e ROCHA (2009, p. 31) enfatizam, que:

[...]Estar integrado com as reais necessidades dos agricultores familiares; práticas organizativas e associativas entre os agricultores familiares que permitam melhor participação nos processos decisórios e de gestão, além da agregação de valor a seus produtos; e melhores condições de investimentos voltados às atividades agroecológicas, facilitar na comercialização dos produtos[...].

O que tem se percebe no atual sistema globalizado e com o capitalismo de cunho neoliberal é o enxugamento de políticas públicas e a fragilização nas práticas extensionistas por meio de uma enorme burocratização. As mulheres possuem uma consciência de sua importância na produção e condução de uma proposta alternativa, vendo-se enquanto protagonistas da associação e de se identificarem enquanto mulheres, trabalhadora rurais. Na mesma reunião ao relatarem a trajetória da construção da associação, uma das mulheres finalizou dizendo que tal alcance não teria sido possível sem o Jurandir no acompanhamento e fortalecimento do grupo, no entanto, outra participante, ressaltou em seguida que elas próprias são a causa principal do sucesso atual do grupo AMARI, pois: “nós mesmas que insistimos diariamente para produzir em nossas hortas”, enfatizou. Tal posicionamento é importante, pois o papel da mulher no campo é essencial e o seu protagonismo feminino fica às vezes a deriva pela enorme força do patriarcalismo enquanto

sistema social. No campo torna-se ainda mais aguçado pelas veias do conservadorismo.

É importante existir esse tipo de consciência entre as mulheres da AMARI e esta ser edificada em uma fala para todo o grupo, pois, é a demonstração de resistência e de novas concepções, sendo este o posicionamento de mulheres cada vez mais urgente dentro do campesinato, para que haja novas formas de relações construídas. Esmeraldo (2013, p. 254) afirma, que

[...] as mulheres geram um novo fazer político e novos lugares de mulheres na luta campesina, na qual expressam sua ação protagonista frente às transformações pelas quais passa a sociedade camponesa. E se não assistem passivamente a essas mudanças, a memória dessa luta é, ainda, pouco compreendida e registrada. Trazer a existência política da mulher como força social significa desocultar lutas de mulheres para construir a sua própria história e ressignificar a resistência do campesinato.

Isso só será possível, mediante a nova consciência crítica e com firme posicionamento político, vindo das mulheres, ao se perceberem como mulher produtora rural. O Serviço Social compreende-se enquanto uma profissão que além de efetivar os direitos sociais, também precisa articular-se coletivamente com movimentos sociais e com associações como o das mulheres da AMARI, pois possui um caráter civilizatório e emancipatório de igualdade, justiça social, superação da exclusão social de classes, étnicas e também de gênero (GUERRA, 1997).

Concluiu-se a atividade por volta das 16h da tarde com a partilha de um lanche, foi reafirmado o projeto de mulheres organizadas coletivamente, dialogado problemáticas do grupo a serem superadas. Juntas refletem e dialogam entre si da importância desse espaço, como instrumento de luta para maior visibilização de seu trabalho e sentimento de pertença ao campo.

#### 4.4 CONSTRUÇÃO DO QUESTIONÁRIO

O questionário elaborado junto com a assistente social foi aplicado a fim de conseguir maior rentabilidade nas intervenções, e para a realização de entrevista estruturada junto às produtoras rurais, sendo um importante instrumental para a prática social. Este questionário elaborado previamente foi aplicado nas mulheres que fazem parte da associação e que são certificadas, o questionário foi aplicado nos dias: 23 de setembro/2018, 27 de outubro/2018 e 03 de novembro/2018, de modo individual, pois a necessidade era de compreender suas realidades, e perceber quais os desafios no modo de produção agroecológico que pode variar de

acordo com cada produção e manejo realizado pela família e impulsionado pela mulher, de modo individual foi possível conhecer cada realidade em suas especificidades e particularidades, sem influências externas.

Este planejamento prévio foi de suma importância para os resultados finais, pois conforme Lavoratti explana “[...] os objetivos do profissional, os objetivos institucionais e as necessidades dos usuários são relevantes para decidir qual a melhor modalidade de entrevista e se ela deverá ser individual ou grupal” (LAVORATTI, 2016, p. 91).

Em cada uma das entrevistas, foi possível, a partir da observação, verificar realidade que não foram ditas em voz alta, mas que foram possíveis de perceber, como por exemplo, suas personalidades, percepções e sentimentos sobre a agroecologia, o manejo com a terra, a aproximação ou afastamento com a horta. Utilizar desse instrumento profissional é imprescindível, conforme Rojas explica,

[...] o não explícito das vivências dos indivíduos que vivem e um meio social determinado. É o conjunto de vivências, emoções e experiências das pessoas que não está nos documentos e que tem um conteúdo e um valor inestimável na transmissão, conservação e difusão dos conhecimentos. Esses conteúdos formam parte do acervo dos grupos sociais e são esses mesmos conteúdos que têm permitido a integração e identificação do indivíduo no seu meio, no seu contexto, em um determinado período de tempo (ROJAS, 1994, p. 87-88).

Foi necessário, portanto, durante o decorrer de respostas das mulheres, que naquele momento não partilhavam apenas um trabalho que executam, mas sim de algo que refletia em suas identidades e realçava a dignidade enquanto mulheres que construíam juntas a agroecologia, o plantio orgânico em suas unidades de produção familiar. Em suas falas expressavam também emoções, sentimentos, frustrações, utopias e desafios, e para isso, um ouvir minucioso foi necessário a fim de tentar aprofundar em suas emoções expressas por palavras, gestos, olhares e risos. A entrevista é para o Serviço Social um instrumental técnico-operativo de caráter importante, utilizado desde os primórdios da profissão, com ela é possível compreender os sujeitos e seus fatos históricos, sua realidade e a demanda de direitos que lhe falta serem efetivados.

Com a entrevista abre também o caminho do diálogo, o que irá gerar espaço para a ação, a troca com as produtoras foi o que resultou em compreender seus desafios de vida, suas conquistas e suas insistências ao permanecer no campo. “É através do diálogo que o movimento de ação-reflexão-ação propicia aos envolvidos

(assistente social e usuário) o desenvolvimento de um processo de análise crítica da situação, desencadeada a partir da fala do usuário” (LAVORATTI, 2016, p. 82).

A entrevista cria uma interação entre o/a profissional e o/a usuário/a, pois os permitem sujeitos “[...] a contar e desvelar histórias através do uso da linguagem e do seu sentido, compreender as experiências e os significados a elas dados [...]” (LEWGOY & SILVEIRA, 2007, p. 249). Compreender a realidade aproximar-se das mulheres camponesas conhecendo a realidade foi essencial na continuidade da intervenção.

Dividimos em dois blocos a entrevista para conseguir realizar de modo calmo e com coerência, devido à realidade de distância e das estradas essa organização foi de melhor conciliação para a intervenção.



Figura 5: Linha 90, parte do trajeto percorrido para as visitas nas residências das mulheres da Associação. Créditos: FERREIRA, 2018.

É importante ressaltar que a EMATER atua com seus técnicos profissionais nas linhas 78, 82, 86, 90 e 128 todas pertencentes ao distrito de Nova Colina e as mulheres da Associação moram em sua maioria nas linhas 78, 86 e 90. Para melhor elucidar o trajeto inteiro, recorre-se a figura do Google Maps sobre o território do distrito de Nova Colina sob atuação da EMATER do distrito.



Figura 6: Mapa que ilustra as linhas atendidas pela EMATER, Nova Colina- Ji-Paraná/RO.  
Fonte: Siqueira, 2018, p.48.

#### 4.5 APLICAÇÃO E RESULTADO DO QUESTIONÁRIO

As primeiras entrevistas foram com quatro mulheres. A exceção de Aparecida Maria, a terra foi conquistada por meio de herança familiar, contrato de comodato, em relação à herança é por parte do sogro que adquiriu a terra pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA em por volta de 1984. A seguir, cada entrevista.

##### **Entrevistada A:**

*Meus sogros vieram através do Incra em 84. Vieram de Mato Grosso, possuíam uma terra lá, mas venderam para comprar aqui. Me casei com o meu esposo e vim morar aqui. (Aparecida, produtora rural). Desde então ela trabalho junto com o esposo e com a família, tenho 3 filhos, na terra, sem possuir outro trabalho. Produzem hortaliças e frutíferas, e comercializam seus produtos pelo Programa de Aquisição Alimentar (PAA). Sobre a plantação ela me disse que: Aqui produzimos orgânico. As dificuldades são muitas, produzir em grande quantidade é difícil, depende do clima, do ano. É imprevisível o resultado da produção. Mecho com horta há 06 anos e tem*

*ano que é bom e tem ano que não”. Sente-se entusiasmada com a promessa do biodigestor, pelo consumo do gás e pela produção de material orgânico para a plantação. Aparecida Maria participa há 8 anos da associação, desde então planta e entrega sempre tem algo na horta, já tem planejado suas plantas. Aparecida possui nível de escolaridade até a 4ª série. (Aparecida, produtora rural).*

A história de Rondônia é a história de homens e mulheres que deixaram seus estados, cidades, famílias, para tentar um pedaço de chão que trouxessem a efetivação da promessa de uma vida melhor para a família. O fluxo migratório no estado aumentou nas décadas de 1970 a 1980, pois a promessa do novo El Dourado propagado pelo governo que encantava pessoas, deixando-as esperançosa, vindas das regiões, sul e sudeste do país. Os pais de dona Maria, não foram exceção nessa história, conforme Lourival Inácio e José Lucas expõem:

*Na passagem da década de 1970 a 1980, Rondônia passou por transformações profundas, quando houve, entre outras mudanças, forte processo de migração, colonização e urbanização. Chegaram colonos provenientes principalmente do Sudeste e Sul do Brasil, muitos incentivados a vir para a região por uma migração dirigida pelo Estado, então sob o comando da ditadura militar caracterizando o processo como uma migração inter-rural de camponeses em busca de terras. Em duas décadas chegaram mais de um milhão de pessoas. (Lourival Inácio e José Lucas, 2013).*

Esse processo não foi brando para a natureza e para os recursos naturais do Estado, uma vez que era preciso realizar desmatamento para garantir a posse de terra. Em sua fala a entrevista revela um grande empoderamento na produção, e uma organização e planejamento da sua produção.

Na entrevista B, os resultados obtidos de maior ênfase se deram pelas dificuldades na produção orgânica, pela dificuldade de insetos e de pragas que atacam a produção e na proposta orgânica a qual é completamente proibido uso de insumos químicos para quaisquer fins. Para que sejam superados estes desafios, é preciso que se utilize, conforme dialoga Theodoro, Duarte & Rocha (2009, p. 27),

*[...] a incorporação de técnicas e práticas menos intensivas no uso dos recursos naturais, baseadas nos princípios agroecológicos, levam a uma maior compreensão das múltiplas interações que ocorrem nos ecossistemas, sendo esse o primeiro passo para uma sustentabilidade no meio rural.*

Em Nova Colina a utilização de práticas homeopáticas, ou seja, através de insumos de plantas e manipulação à base de álcool são muito utilizadas. Além da

busca constante de outros métodos alternativos, como um controle biológico de pragas.

**Entrevistada B:**

*A terra em que Sirleia partilha com o esposo foi adquirida mediante compra, ela produz hortaliça, mandioca, milho, laranja, e comercializa seus produtos no PAA e na feira, segundo ela as dificuldades em produzir de modo orgânico são: “muitas, pois os insetos atacam muito”, perguntei em seguida os recursos que ela utiliza, e a resposta foi: a homeopatia ajuda muito.”. ela mora na unidade familiar já há 16 anos, possuindo atualmente somente até a 5ª série do ensino básico, tem 26 anos que mora em Rondônia, e veio do estado do Espírito Santo.*

Mãe, esposa, dona de casa e produtora rural, planta e comercializa na feira em Ji-Paraná, constrói sua independência e contribui com renda extra familiar. A feira é um espaço importante, pois permite que possa haver venda dos produtos, e estreitar os laços entre a comunidade rural e urbana.

Embora, perceba-se que ainda falta uma maior conscientização em função dos produtos orgânicos bem como das dificuldades enfrentadas na adoção desse modo de produção. Além da falta de incentivo do governo por meio de políticas públicas, há todas as dificuldades próprias da produção, já mencionadas aqui. Mas a feira torna-se um espaço político e que deve ser preservado e mantido.

**Entrevistada C:**

*Sou natural de Rondônia, tenho o ensino superior incompleto e 02 filhos, moro aqui tem 11 anos, conseguiu junto com o esposo através do contrato de comodato”. Perguntei o que produz, suas dificuldades em permanecer no modo orgânico e ela respondeu: “Produzo aqui hortaliça, mandioca, pepino, vegetal, laranja, banana, mexerica e etc, e comercializo tudo o que planto, sendo de modo orgânico, os mais comercializo é na feira em Ji-Paraná, e também faço parte do PAA. As vezes na produção encontro algumas pragas, por isso fica difícil as vezes. Ainda não consegui o certificado orgânico, pois não estou inscrita no mapa, é uma burocracia.*

A entrevistada D, também pertencente à associação AMARI, mostra em sua fala os sentimentos já observados nas outras entrevistas, sendo o estacionamento do programa de aquisição alimentar, percebe-se a falta de conscientização da importância atribuída às pequenas famílias agricultoras, sendo de fato, as que alimentam a população brasileira.

A agricultura familiar possui um importante papel para o desenvolvimento econômico do país, pois garante a permanência do homem no campo, e com a agricultora família é possível a geração de renda e de emprego, para tanto precisa ser fortalecida mediante as já referidas políticas públicas voltadas para o campo, com programas, planos de ação do governo para as famílias agricultoras. Essa

mulher agricultora encontra a sua pertença nas tarefas da terra, é entre plantar e colher que faz e refaz a sua identidade e encontra felicidade, alegria e prazer. Tece a preocupação da associação ainda não poder ter desenvolvido suas próprias sementes, sendo esta uma das urgências para um plantio agroecológico e completamente orgânico.

**Entrevistada D:**

*A terra a gente conseguiu por compra, era da minha sogra. Produzo hortaliça, pomal, laranja, banana, e outras coisas, e entrego no PAA, mas está parado agora, e também na feira, em Ji-Paraná.” “falta de apoio do governo e falta uma real consciência da população sobre o orgânico. Aqui na associação ainda falta sementes crioulas, precisamos sair das transgênicas, e sementes vindas de outro estado não se adapta fácil com nosso solo, e a gente acaba perdendo.*

Nesta parte das entrevistas realizadas, tudo ocorreu de modo tranquilo, mas sempre surpreendente pela afirmação das mulheres em relação ao modo de se relacionarem com a terra.

Seu dia a dia, porém são também vinculadas às outras dimensões que possuem como ser mães e esposas, logo, suas atividades domésticas são conciliadas com as que realizam em suas hortas. O engajamento político que possuem junto à organização coletiva é também de suma importância para terem esse espaço enquanto modo de organização política e social, mas também de confraternização e fortalecimento dos vínculos afetivos, uma vez que a luta política que busca emancipação e direitos sociais, não deve ser desassociada do âmbito fraternal.

A experiência realizada diante de cada uma dessas mulheres ao participar de seus espaços, foi transformadora, compartilhando de seus risos de felicidade por produzirem por mãos, comercializando e tendo autonomia, e também da preocupação e indignação da falta de apoio do governo no que se refere à políticas públicas voltadas para a agricultura familiar.

No mês de novembro, foi realizada entrevista com outro bloco dividido por território. Abaixo segue a descrição das falas, fundamentações teóricas e parte das respostas obtidas pelas entrevistadas.

**Ana Rosa Vilarim Sodre:**

*“Eu gosto de ter a planta e de observar a planta”*  
(produtora rural e participante da associação AMARI)

Uma produtora que ama o seu dia a dia na agricultura e que os constrói realizando-os junto com sua família na unidade de produção com cada um/a seguindo sua dinâmica e ritmo em função às tarefas com as quais mais se identificam. Ao ser organizado foi atribuído uns aos outros durante suas vivências e para a facilidade na realização dos trabalhos. Este é um dos princípios mais básicos da agroecologia, pois o trabalho na agricultura é conduzido pela família que mora na unidade de produção, ou seja, é um trabalho coletivizado por toda a família, cada um com suas responsabilidades, mas com sintonia e interação, sendo respeitados/as e valorizados/as.

Essa entrevistada revelou seu gosto pela diversidade nas plantações, novamente trazendo para o diálogo Theodoro, Duarte & Rocha (2009) estes dizem que um dos princípios para a incorporação de práticas agroecológicas é “a sustentabilidade da produção e variedade constante de alimentos” e, além disso, elucidam a importância de uma “identidade local” sendo centrais para a sua edificação.

*Eu gosto de ter a planta e de observar a planta, gosto de plantar hortaliças e cultivar frutíferas. moro na unidade familiar há 43 anos, e consegui como herança familiar por parte dos meus pais que a adquiriram por meio do INCRA entre 1970 e 1980. A terra foi dividida pelos meus pais para todos os filhos, minhas irmãs também fazem parte da associação, a Cleuza, Maria Socorro e Creonice.*

A unidade está cadastrada em seu próprio nome e a comercialização principal que realiza é também por meio do Programa de Aquisição Alimentar - PAA, que por estar parado atualmente, tem gerado preocupação entre as mulheres da AMARI.

Ao ser questionada sobre as dificuldades em produzir de modo orgânico, ela responde: “As pragas, elas são ruins. Mas procuro sempre por alternativas orgânicas feitas por mim mesma. Sempre busco pelas melhores alternativas”. O combate às pragas no plantio orgânico por meio de práticas alternativas e orgânicas é comum entre as mulheres da AMARI, que ao abraçar o modo de produção orgânico, sabiam das consequências, mas se prontificaram a buscar outros métodos e recursos para enfrentá-los, ao mesmo tempo em que oferecem alimentos saudáveis e respeitam a natureza.

A próxima entrevistada é a coordenadora da associação AMARI, Creonice Vilarim, possui a graduação em Serviço Social obtido por meio de Ensino a Distância - EAD na rede Universidade do Paraná - UNOPAR em Ji-Paraná. Percebe-se em

suas falas maior domínio das questões de gênero e também posicionamento observado teoricamente nos movimentos feministas. Sua terra é de herança familiar e está cadastrada tanto no seu nome quanto do Jurandir, atual técnico da EMATER, fundador da associação AMARI e seu esposo.

Perguntei sobre o cultivo agrícola que ela desenvolve, onde comercializa e suas dificuldades em produzir de modo orgânico, ao que obtive como respostas:

*Produzo horta em conjunto com a Rosa, minha irmã, e frutíferas também como abacaxi, caju, cupuaçu, maracujá, bacana e outras diversidades. Atualmente não comercializo, pois no PAA devido uma situação burocrática da DAP da terra não posso estar inscrita, pois só podendo quem trabalha somente com a terra e aqui em casa temos trabalho do Jurandir na EMATER. Mechemos agora mais com bezerros. A dificuldade de produzir é a mão de obra, é muito serviço e poucas pessoas, e outra situação é a falta de sementes crioulas, prontas para o nosso clima e solo.*

### **Levani Oliveira dos Santos Belizaro e Jaqueline Oliveira Belizaro:**

A próxima entrevista foi realizada com a Levani Oliveira, aqui mãe e filha que trabalham no sítio e participam juntas da associação AMARI, Jaqueline não estava no dia da entrevista, mas soube por D. Levani que ambas produzem hortaliças e frutíferas. Fazem parte do PAA e da Feira. Jaqueline vende também para moradores/as da linha. Questionei sobre as dificuldades, D. Levani, conhece bem sua realidade e diz que:

*Tem muito trabalho, é preciso muito esforço para produzir um pouco... e a mão de obra aqui também é pouca. Tem pragas na plantação que tem que cuidar o tempo todo... e o baixo valor de retorno financeiro também é ruim. Falta das sementes crioulas, se tivesse iria melhorar muito.*

O trabalho em conjunto aproxima e fortalece a convivência e juntas conseguem subsidiar os alimentos conquistarem uma renda extra. As dificuldades postas retornam para as mesmas, isso revela que a realidade, embora peculiar para cada uma das mulheres da associação, interagem e articulam-se entre si.

Também revela afinidade de ideias e de construções coletivas e políticas do que possuem, do que está ameaçado e do que necessitam para avançar mais na produção orgânico agroecológica, elencadas aqui em: sementes crioulas para associação, políticas públicas para o campo e recursos alternativos na produção para manejo de terra eficiente e combativo às pragas, sem oferecer alteração no plantio por meio de insumos químicos. Desafios para as mulheres da associação AMARI, desafios para efetivação e perpetuação da agroecologia no Brasil. Assim,

conclui-se essa intervenção que resultou na coleta de dados importantes das dificuldades e o que produzem, bem como de aproximação com elas.

#### 4.6 VISITA DOMICILIAR: **Aproximação com as Produtoras Rurais**

As visitas feitas com muito carinho e vontade de aproximação, não foi somente com o propósito de conhecer as mulheres que fazem parte da associação AMARI e suas diversas singulares, realidade, mas, sobretudo de criar vínculos afetivos, e alcançar a confiança das mulheres.



Figura 7: Produtora rural e participante da associação AMARI apresentando sua horta  
Créditos: FERREIRA, 2018.

Tais vínculos ultrapassaram a margem entre estagiária e mulheres produtoras rurais, mas sim de afinidade em relação ao amor e desejos de construções e defesa da agroecologia no país, e de amadurecimento entre as vidas ali presente, ora na varanda das casas, ora nas hortas vendo o desenvolvimento do plantio, entre um café e outro e partilhas de vivências e realidades. Bosi (1994, p. 38) argumenta que “[...]Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua própria vida[...]”.

Esse desejo de real aproximação afetiva com as mulheres não foi somente dado para adquirir os resultados para o presente texto, mas para compreender suas vivências e tecer com elas empatia e solidariedade, além do desejo crescente de

fortificá-las para a continuidade do primordial trabalho que desenvolvem nas suas unidades de produção.

Realizou-se algumas visitas domiciliares, os encontros aconteceram de modo calorosos, ouvindo seus desafios na produção, o gosto pela terra e desafios do cotidiano despertados pela vida. Com a visita foi possível verificar sua realidade produtiva e do pedaço de chão que possuem, o seu dia a dia. Neste sentindo, Marques (2006, p. 54) ressalta que,

O objetivo da visita é classificar situações, considerar o caso na particularidade de seu contexto sociocultural e das relações sociais [...], Visita-se com o objetivo de complementar dados, observar relações sociais em sua singularidade, no ambiente de convivência, seja este o lar, a escola ou outro espaço em que se efetivem as relações sociais do usuário.

A visita é um instrumento que permitiu a real aproximação tão desejada e entender que a segurança e a determinação em produzir de modo orgânico para algumas se deu de modo natural, sempre desejando produzir assim. Outras ocorrem em um processo calmo, pois antes produzia com veneno. A preocupação com a saúde da família foi a base principal pela mudança na forma de produção.

Durante as visitas as conversações giraram em torno da realidade familiar e de produção orgânica, sempre leve e amigável. A primeira visita, aqui chamarei de d. flor, recebeu-me calorosamente, dialogamos na varanda de sua casa junto de sua sogra, uma senhora animada e com sentimentalidade sensível revelada em lágrimas diante de uma conversa simples sobre emoções.

D. flor tem dois filhos e mora na unidade que pertence aos seus sogros, ela cuida da casa e também dos seus dois filhos, do sogro e da sogra, d. flor mora com seu esposo e filhos em uma casa separada, que fica poucos passos de onde estávamos sentadas. d. flor contribui no plantio das hortaliças e me disse que tem procurado conversar mais com os filhos e com o esposo para participarem da feira na cidade, pois seria ideal para aumentar na renda, mas eles ainda não se convenceram e ela lamenta. Sua família possui como expressão religiosa a denominação evangélica.

Outra visita, foi na casa da senhora rosa, houve, entretanto partilhas de âmbito pessoal, do qual ouvimos atentamente, sem poder fazer muito por ela, além de algumas palavras de conforto. Sua referência ao falar da unidade e do plantio é sempre se incluindo e dentro das atividades no plantio. Percebeu-se a satisfação que seu esposo tem por ela ocupar o espaço na associação, ele compreende a

importância em participar para o bem comum do seu lar, e a apoia para ir às reuniões.

Outra visita que aqui torna-se essencial a exposição dos resultados obtidos, foi na casa de uma produtora rural e participante ativa na associação Amari onde os diálogos foram realizados no espaço da horta, sendo por volta das 10h da manhã, ela estava concentrada no manejo da plantação fazendo uma mudança de lugar das couves devido o ataque de pragas, planejava o local e com muita destreza retirava os pés que já estavam adoecidos, com cuidado para não espalhar ainda mais as pragas.

Essa produtora rural que aqui, chamarei de Tina, possui autonomia na sua plantação. Ela revelou-me que sempre prioriza o trabalho fora de casa, sendo as atividades primeiras a desenvolver, depois, caso haja tempo e disposição cuida das tarefas comuns na esfera doméstica. É inconfundível seu amor em produzir em sua horta, dado ao notável brilho nos olhos.

Algumas outras visitas foram realizadas nas unidades de produção das mulheres da associação Amari selecionadas para essa pesquisa, exponho aqui a última produtora rural que foi visitada neste ciclo, para este texto a chamaremos de d. Ani, esta revelou que faz questão de cuidar bem de sua produção, sendo também o local que passa a maior parte do dia, ela que escolheu o modo de produção orgânico e não desanima. As visitas domiciliares ao serem realizadas, foram norteadas pelos princípios do projeto ético-político da profissão, o qual preza pelo respeito aos processos democráticos que as mulheres vivenciam na associação e o que tem de construído no seu dia a dia, dentro do âmbito familiar, e no sentido de refletir sobre os seus direitos buscando a equidade e justiça social. Todas as esferas devem ser protegidas e terem seus direitos efetivados, homens e mulheres do campo e da cidade, e sem exclusão de raça, cor, credo e orientação sexual.

A instrumentalidade do Serviço Social e a sua importância puderam, a partir da experiência do estágio ser comprovadas, aproximando assim a teoria da prática, pois, quando se dialoga a partir de leitura de textos, sobre observação, relatórios, pareceres, visita domiciliar e etc, na prática que podem ser comprovadas e assimiladas de forma concreta. A instrumentalidade, traz consigo inúmeras intenções. Assim, nesse sentido, discorre Guerra (1999, p. 203),

na afirmação da sua instrumentalidade, o assistente social acaba por utilizar-se de um repertório técnico operativo comum a outras profissões sociais, porém a intencionalidade posta na utilização do instrumental técnico porta a tendência de propiciar resultados condizentes com a perspectiva para a qual sua ação se direcionou. A maneira como o profissional utiliza os instrumentos e técnicas historicamente reconhecidos na profissão encontra-se referenciada pelas expectativas que sustentam as suas ações. Em outras palavras: o Serviço Social possui modos particulares de plasmar suas racionalidades que conforma um “modo de operar”, o qual não se realiza sem instrumentos técnicos, políticos e teóricos, tampouco sem uma direção finalística e pressupostos éticos, que incorporam o projeto profissional.

É necessário que o/a profissional tenha consigo uma bagagem teórica, para que possa avançar em conhecimento, e assim tornar sua prática mais ativa e efetiva, sempre se informando e atento/a ao cenário político e social que o/a cerca. Bem, como este deve possuir um posicionamento político coerente com a sua ação, e saber utilizar-se de instrumentos técnicos para uma real efetivação de direitos.

Embora os instrumentais acabem sendo comum a outras profissões, é o que trazer de retorno após a aplicação destes, e como as intenções estarão norteadas à luz do projeto ético-político da profissão, que irá determinar sua ação profissional. Para os desejos e objetivos da instrumentalidade a visita domiciliar, descrita acima, trago para o debate o que Samaro (2014, p.19) expõem, ao dizer que,

é uma técnica social, de natureza qualitativa, por meio da qual o profissional se debruça sobre a realidade social com a intenção de conhecê-la, descrevê-la, compreendê-la ou explicá-la. O seu diferencial em relação a outras técnicas é que tem por lócus o meio social, especialmente o lugar social mais privativo e que diz respeito ao território social do sujeito: a sua casa ou local de domicílio.

Com essas palavras tem-se traduzido perfeitamente os anseios e expectativas em realizar as visitas, a fim, de aproximação, conhecer sua realidade e seus sonhos, anseios e desafios. Muitas partilhas emocionantes foram realizadas, novas leituras acerca de suas realidades puderam ser observadas, pois todas possuem o âmbito de para além de produtoras rurais, mas como mulheres fortes e determinadas que seguem o seu dia a dia com muita força de vontade, acreditando na proposta do modo orgânico, mas que continuam com suas perspectivas de mães, de mulheres, de esposas. IAMAMOTO (2007, p. 37), sabiamente disse sobre o Movimento de Reconceituação do Serviço Social na sua busca em desmanchar-se e romper com a suas práticas conservadoras, que,

expressa-se como uma procura, uma luta por alcançar novas bases de legitimidade da ação profissional do Assistente Social, que, reconhecendo as contradições sociais presentes nas condições do exercício profissional, busca colocar-se, objetivamente, a serviço dos interesses dos usuários, isto é, dos setores dominados da sociedade.

Com isso, já adquirido na formação profissional dentro da academia, poder ter a criticidade de fazer e refazer novas leituras sociais sobre a realidade dessas mulheres, na defesa de seus direitos, ou do que seria de ideal, como no caso da efetivação de políticas públicas para o campo e para a produção orgânica, bem como do alcance de vida digna e de qualidade para essas camponesas e suas famílias.

Assim, com a análise da prática realizada junto às mulheres que participam do espaço político da associação AMARI, se entende que encontraram voz e vez e apesar das dificuldades acerca do atual cenário político sobre a escassez de recursos públicos para o Programa de Aquisição Alimentar- PAA, dentre tantos outros possíveis, continuam determinadas no modo de produzir sem veneno e confiantes de um amanhã melhor sempre lutando para que possa conquistá-lo.

A centralidade de políticas públicas para o campo torna-se mecanismo de garantia de subsistência das famílias e auxilia toda a comunidade que se beneficia da troca de alimentos. A família ao produzir, tendo o destino certo para enviar seus alimentos como escolas, creches e outros terá maior garantia de renda. Por isso, o Programa de Aquisição Alimentar – PAA é fundamental para o campesinato e deve ser mantido pelo Estado, pois é notória a satisfação de todos os sujeitos e sujeitas envolvidos no processo, uma vez que o produtor produz e vende e os locais públicos têm segurança da qualidade dos alimentos. Outro exemplo é o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, que com os mesmos princípios e objetivos melhoram a vida dos produtos e produtoras rurais, sendo restrito para as etapas de educação básica pública, ao repasse do Governo Federal de recursos financeiros que permitam essa transação.

Considerações finais haja vista todo o processo e percalços neste é a importância de articulação em âmbitos coletivos como a associação AMARI, onde as mulheres possam se engajar politicamente a fim de recorrer seus direitos e de buscar a efetivação de políticas públicas. Nesta perspectiva de espaços políticos, destaca as argumentações imparas de BRUTTO e DANTAS (2010, p. 8), ao afirmarem que,

[...] organizar as mulheres rurais para fazer a produção, a gestão e a comercialização de maneira autônoma é um desafio permanente daquelas e daqueles que pretendem reduzir as desigualdades de gênero [...] As ações abrangem a identificação e a caracterização de grupos produtivos de mulheres, a formação, a capacitação, a promoção de espaços de comercialização específicos para maior visibilidade da sua presença econômica e a articulação local para viabilizar o acesso das mulheres às políticas públicas [...].

Nestes espaços elas podem juntas refletir sobre o contexto social em que elas estão inseridas, e se fortalecerem mutuamente ao buscarem por melhorias para si e para as outras, fortalecendo assim a associação AMARI, como um todo. Podem também dialogar e partilhar das experiências individuais em suas produções e coletivizá-las.

Outro ponto visado é a importância da assistência técnica e extensão rural na condução de mecanismos e de organização, bem como de acompanhar e oferecer recursos, seminários, debates, cursos para as problemáticas que podem encontrar no dia a dia na forma de produzir sem insumos químicos. É preciso unir o conhecimento obtido no dia a dia com o conhecimento técnico, de modo que possa ser uma real intervenção positiva aos desejos de desenvolvimento na unidade de produção. Assim, ressaltam Theodoro; Duarte & Rocha (2009, p. 32),

Conhecimentos científicos e técnicos terão valor inigualável somente quando forem precedidos de uma consciência do agricultor sobre como ele se insere na natureza e na sociedade. As diferentes percepções, ligadas aos significados, aos sentimentos, ao instinto, à intuição, à razão e aos sonhos individuais e coletivos necessitam ser integradas para que faça sentido um novo hábito agrícola que uma ecologia e economia em nossa comum.

São estes os desafios e anseios aos se pensar em uma assistência técnica e extensão rural - ATER. Aliar campo e cidade, pois é possível de acordo com o que foi visto na entrevista o quanto que a feira, na cidade de Ji-Paraná, contribui para o fortalecimento da agricultura e para que possam conseguir renda de suas produções, além de oferecer para a cidade produtos naturais e benéficos para a saúde, como o caso de hortaliças orgânicas.

## CONCLUSÃO:

Pode-se afirmar que a Associação das Mulheres do Setor Riachuelo, através da Agroecologia, vem mostrar que apesar do discurso oficial sobre a racionalidade do agronegócio existe um contra discurso apontado para um novo rumo. Nesse caminho estão mulheres e homens que através das histórias de vida, das lutas diárias para manter a unidade familiar, nas trocas de experiências e nas discussões na Associação começaram a perceber que a saída das mulheres do mundo privado estreitou-se os laços sociais e identificaram os gargalos da produção convencional uma vez que o espaço produtivo (o agronegócio) não tem condições de concorrer com a grande produção (agronegócio). Quando se fala de produção sustentável, se fala também de fortalecimento da organização social, percebendo que tais relações devem permear por igualdade de gênero. Quando as mulheres assumem essa bandeira de luta e começam a reivindicar espaços e direitos que historicamente foram negados em função de uma sociedade patriarcal estão de certa forma tocando na espinha dorsal das relações de poder cujo argumento se pauta nos determinantes biológicos para explicar uma relação social-histórica-cultural-ideopolítica.

A construção desse percurso realizado pelas mulheres não se edificou de forma linear/homogêneo, mas pelo contrário os conflitos/contradições são imprescindíveis quando se quer a mudar uma realidade tanto no âmbito do espaço privado (casa) quanto do espaço produtivo, mesmo porque compreende-se tais espaços numa perspectiva dialética. Nesta perspectiva torna-se imperativo reconhecer a mulher camponesa e o seu papel como parceira na produção, pois estas contribuem no plantio tanto quanto os homens, a partir desse reconhecimento as relações sociais seguirá mais sólidas e a mulher receberá o seu destaque tão merecido, fortalecendo assim a sua identidade enquanto produtora rural, tornando-se sujeito de sua própria história.

A agroecologia surge também enquanto movimento social a partir dos questionamentos que lança contra essas estruturas machistas e de toda forma de discriminação que afeta negativamente as relações sociais no campo, assim concluímos a partir do que aqui foi vislumbrado, o quanto se soma tanto para a unidade familiar, quanto para a economia local, toda e qualquer organização social

realizada por mulheres a fim de lutar por sua emancipação e alcançar os espaços políticos e sociais.

Esse trabalho pôde explicar, ainda que timidamente, o quanto a agroecologia pode favorecer para a construção de novas alternativas no plantar e no colher de alimentos saudáveis, livres de agrotóxico e de dependência de insumos químicos visando também uma sociedade socialmente justa e ambientalmente sustentável. A produção de alimentos orgânicos é vantajosa financeiramente para as populações rurais, uma vez que têm despertado nos consumidores uma consciência acerca da importância de alimentos saudáveis, e os ricos de contaminação quando se adere a uma alimentação com veneno.

O acompanhamento com as mulheres da Associação Amari, trouxe a firmeza na concreticidade que é a produção de alimentos orgânicos e a contribuição das mulheres para uma nova sociabilidade no campo, formada de justiça e igualdade entre homens e mulheres. Outra conclusão possível de ser obtida através das construções aqui realizadas refere-se na essencialidade por políticas públicas para a comercialização de produtos orgânicos, e que estas não podem findar, cabendo ao governo ofertar recursos financeiros para mediar à demanda por alimentos saudáveis nas escolas, creches, hospitais e demais setores da sociedade. O acompanhamento de profissionais que possam amparar e validar os direitos sociais dos pequenos agricultores e agricultoras familiares também é imprescindível, tanto para profissionais em Serviço Social intervindo nas questões sociais que surgem no campo e planejar e efetivar políticas sociais que venham a ofertar mais dignidade para as populações rurais, quanto de técnicos e extensionistas agrônomos com formação com ênfase em agroecologia, favorecendo assim todas as demandas que grupos ousados como da Associação Amari precisam para continuar a produzir de modo orgânico, visando a transição para a agroecologia sem com isso estagnar no simplório desejo de atender ao mercado, mas como posicionamento social e político perante a sociedade, na tomada de decisão de fortalecer esse movimento social para uma nova sociedade a ser firmada, assim a agroecologia torna-se um oásis para os desérticos corações fragilizados pela exploração, injustiças sociais e discriminação.

## REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M.A; NICHOLLS, C.L. Prefácio. In: SCHMIDT, W; LOVATO, P. E.(orgs). **Agroecologia e sustentabilidade no meio rural**: experiências e reflexões de agente de desenvolvimento local. Chapecó: Argos, 2006.
- ALVES, B.M. **Ideologia e feminismo**: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BADINTER, E. (1991). **Palavras de Homens (1790-1793)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BRASIL: Novo Código Florestal, disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm). Acesso: 23, mai. 2019.
- BUTTO, A.; DANTAS, I. **Autonomia e cidadania**: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. Brasília: MDA, 2010. p. 11-36. Disponível em: <https://exposicao.enap.gov.br/items/show/245>. Acesso: 08, abr. 2019
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. **Agroecologia como matriz disciplinas para um novo paradigma de desenvolvimento rural**. Disponível em: <https://www.agriverdes.com.br/biblioteca/biblioteca/Agroecologia/G%C3%AAneros%20e%20a%20Agroecologia/AGROECOLOGIA%20COMO%20MATRIZ%20DISCIPLINAR%20PARA%20UM%20NOVO.pdf>. Acesso: 21, mai. 2019.
- CARVALHO, U. O. **Métodos e técnicas utilizadas no serviço de ATER**. Porto Velho, 2012.
- CAMPOS, C. S. S. **A face feminina da pobreza em meio à riqueza do agronegócio**. Buenos Aires: CLACSO, 2011.
- CAPRA, F. **A Teia da Vida**: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CISNE, M. Direitos humanos e violência contra as mulheres: uma luta contra a sociedade patriarcal-racista-capitalista. **Serv. Soc. Rev.**, Londrina, v. 18, n.1, p.138 - 154, Jul./Dez. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/viewFile/23588/17726>. Acesso: 04, abr. 2019.
- COSTA, L. M. da. **Agroecologia na Amazônia desafios e perspectivas no contexto da reforma agrária**. Um estudo de caso em Ariquemes/ Rondônia. 2017, p.112. Dissertação (Mestrado Profissional em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186331/PAGR-P0059-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>Acesso: 24, mai. 2019.

CORALINA, C. Oferta de Aninha (aos moços). In DENÓFRIO, D. F (Org.). **Melhores Poemas Cora Coralina**. 4ª Ed. São Paulo: Global, 2017.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

ENGEL, T. G.; TOLFO, D. S. (org.). **Métodos de pesquisa**. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr>. Acesso: 17, mar. 2019

**Emater-RO, Programas e Projetos**. Porto Velho, RO. Disponível em <<http://www.emater-ro.com.br/emater.php?get=1#>> Acesso em 05, jun. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FALEIROS, V. de P. **Metodologia e Ideologia do Trabalho Social**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, A. C. **Metodologia e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LAVORATTI C.; COSTA D. (Org.). **Instrumentos técnico-operativos no Serviço Social: um debate necessário**. Ponta Grossa:Estúdio Texto,2016. Disponível em:<http://www.uepg.br/proex/Documents/Ebooks/INSTRUMENTAIS%20TECNICO-OPERATIVOS%20NO%20SERVICO%20SOCIAL.pdf>. Acesso: 10, abr. 2019.

LEWGOY, A. M. B.; ARRUDA, M. P. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experiência do diário digital. **Revista Textos e Contextos: coletâneas em Serviço Social**, Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 2. 2004, p. 115-130.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M. de A. Metodologia Científica . 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KRAMER, H. **O martelo das feiticeiras** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.Disponível em: [www.armazem3bruxas.com.br/images/.../O-Martelo-das-Feiticeiras-Heinrich-Kramer.pdf](http://www.armazem3bruxas.com.br/images/.../O-Martelo-das-Feiticeiras-Heinrich-Kramer.pdf). Acesso: 11, mar. 2019.

LUSA, Mailiz Garibotti . Relações de Gênero no Campo: a Superação dos Papéis Tradicionais como Desafio à Proteção Social Básica e o Papel dos Assistentes Sociais .**Revista Gênero**. Niterói, v.13, n.1, p. 93-107, 2. sem. 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/du te/Downloads/545-1652-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/du te/Downloads/545-1652-1-PB%20(1).pdf). Acesso: 10, mar. 2019.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MACHADO, T. M. Práticas e representações das mulheres na revolução francesa – 1789-1795. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01022010-165929/>. Acesso: 03, jun. 2019.

MENDONÇA, S. R.; STEDILE, J. P. **A Questão Agrária no Brasil**: a classe dominante agrária. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

MINAYO, M. C. de S. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18<sup>3</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MILLET, K. Sexual politica. London. 1969. Disponível em: <https://seminariolecturasfeministas.files.wordpress.com/2012/01/kate-millet-polc3adtica-sexual.pdf>. Acesso: 05, abr. 2019

MARX, K. **O Capital**. México D.C.: Fuentes Cultural, 1945. 543 p. (Livro I).

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã** (1845.1846). São Paulo. 2001. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1338009>. Acesso: 03, jun. 2019.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 64 p.

NUNES, J. A; SOUZA, V. A. Agroecologia, Juventude e Permanência no Campo: uma relação possível? In DICKMAN I. (Org.). **Vozes da Educação**. V. 8 São Paulo: Dialogar, 2018.

PIRES, J. **Por uma ética da inclusão**. In Martins, Lúcia. **Inclusão: compartilhando saberes**. Petrópolis: Vozes, 2008.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1975.

RIBEIRO, N. F. **Caminhada e esperança da Reforma Agrária**. 2. Ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1996.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. 3<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2<sup>a</sup> reimpressão, 2004.

Silveira, D. T; Córdova, F. P. A Pesquisa Científica. In Gerhardt, T. E. Silveira, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. 1. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 2, p. 31-42.

Siliprandi, E. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2015.

Siqueira, K. F. B. **Determinantes sociais da saúde: o caso dos agricultores do distrito de Nova Colina**. Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná, 2016.

SAMARO, S. **Visita domiciliar: teoria e prática**. 1ª ed. Campinas, SP: Papel Social, 2014.

SANTOS, S. M. de M. dos; OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 13 n. 1 p. 11-19 jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/02.pdf>. Acesso: 22 fev. 2019.

SCHMIDT, W; LOVATO, P. E. (orgs). **Agroecologia e sustentabilidade no meio rural**: experiências e reflexões de agente de desenvolvimento local. Chapecó: Argos, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 20ª ed. São Paulo: Cortez, 1997, p. 127-131. Disponível em: <https://www.uc.pt/fmuc/gabineteeducacaomedica/recursoseducare/livro28>. Acesso: 09 abril, 2019.

SILVA, S. G. da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, Sept. 2000. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso)>. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932000000300003>. Acesso: 9 mai. 2019.

SOUZA-LOBO, E. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Brasiliense, 1991.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre, Bookman, 2001.

ZERZAN, J. P. Patriarcado, Civilização e as Origens do Gênero. **Revista Gênero & Direito**, v. 1, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/view/9702/5289>. Acesso: 10 mar. 2019.